

**MAIÊUTICA
PEDAGOGIA**



UNIASSELVI

**CENTRO UNIVERSITÁRIO
LEONARDO DA VINCI**

Rodovia BR 470, Km 71, nº 1.040, Bairro Benedito
89130-000 - INDAIAL/SC
www.uniasselvi.com.br

REVISTA MAIÊUTICA

Curso de Pedagogia

Publicação de Divulgação Científica e Cultural do Núcleo de Educação a Distância do Centro
Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

UNIASSELVI 2015

Reitor da Uniasselvi

Prof. Hermínio Kloch

Pró-Reitora de Ensino de Graduação a Distância

Prof.^a Francieli Stano Torres

Pró-Reitor Operacional de Graduação a Distância

Prof. Hermínio Kloch

Editor-Chefe

Prof. Evandro André de Souza

Editor da Revista Maiêutica

Prof. Luis Augusto Ebert

Comissão Científica

Ana Clarisse Alencar Barbosa

Lúcia Cristiane M. Pianezzer

Mônica M. Baruffi

Editoração e Diagramação

Davi Phelippe Bloedorn

Capa

Cleo Schirmann

Revisão Final

Scarlett Kelermann

José Roberto Rodrigues

Publicação Online

Propriedade do Centro Universitário Leonardo da Vinci

Apresentação

É com grande alegria que apresentamos mais uma edição da Revista Maiêutica do Curso de Licenciatura em Pedagogia, na versão digital. Para isto, contamos com a produção científica dos acadêmicos do curso, na modalidade a distância, sob orientação dos tutores externos do Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI.

Esta Revista, construída a muitas mãos, coloca em pauta um dos princípios norteadores da instituição, de que “não basta saber, é preciso saber fazer”. Valorizando a produção intelectual dos acadêmicos, oportuniza-se o desenvolvimento de novos trabalhos de iniciação científica, estimula-se a participação e a socialização dos trabalhos desenvolvidos no âmbito acadêmico, enriquecendo ainda mais as produções intelectuais e a busca pelo conhecimento.

O nome “Maiêutica” reforça o conceito socrático de que é preciso trazer as ideias à luz, fazer nascer o conhecimento, confirmando a dialética necessária para a construção da sabedoria humana. Partindo deste pressuposto, apresentamos novas “ideias que vieram à luz”, ou seja, artigos exclusivos que foram selecionados por docentes, tutores externos, tutores internos e a coordenação do curso de Pedagogia, numa proposta de construção e cooperação, rumo à formação do conhecimento.

Assim, convidamos você a ler a revista Maiêutica do curso de licenciatura em Pedagogia da Uniasselvi, e desejamos que os artigos disponibilizados na revista possam contribuir com a sua caminhada acadêmica e profissional.

Boa leitura!

Profa. Ana Clarisse Alencar Barbosa
Coordenadora do Curso Superior de Licenciatura em Pedagogia



SUMÁRIO

1 A RELEVÂNCIA DA PESQUISA PARA A EDUCAÇÃO E PARA A SOCIEDADE (A IDEOLOGIA PEDAGÓGICA DE FREIRE) - Relevance of research in education process and importance to society (Freire's educational ideology)

Aline Vanderlinde

Elida Maria de Melo Ferreira

Janice Voigtlaender

Scheila Patrícia Zichuhr

Graciele de Souza Colling 7

2 A EDUCAÇÃO E SUA PRÁTICA NO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO - The education and its practice in social and historical contextpolitical project of Joinville

Janete Adriano Kupper 13

3 A ESCOLA E A FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DA CIDADANIA - School and family in the formation of citizenship

Sandra Koslowski

Natacha Roberta Barboza 19

4 DA UTOPIA À REALIDADE: O COMPROMISSO ÉTICO DO EDUCADOR NUMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA - From utopia to reality: the ethical commitment of educator in an emancipatory perspective

Caroline Fava

Graziela Luz dos Santos

Fernanda Paulo 25

5 EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: [NOVO] PARADIGMA QUE CONTRIBUI COM A PRATICIDADE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO - Distance learning: new paradigm contributing with practical knowledge construction

Marilene Izidoro Honorato do Nascimento

Sara Freitas 33

6 EDUCAÇÃO INCLUSIVA - Inclusive Education

Ana Paula Soares

Juliana Nogueira Luiz da Silva

Samanta Colossi

Adriana Souza da Silva 43

7 EDUCAÇÃO SEXUAL INFANTIL: CRIANÇAS DE 8 ANOS DE IDADE - Child sex education: 8-year-old children

Ana Regina Bozan

Andressa Aparecida de Oliveira Souza

Eduarda Krauss Eliane Shofer Ferreira

Patrícia de Oliveira Professora Liane Koffke 47

8 GESTÃO E DEMOCRACIA EM UMA ESCOLA PARTICIPATIVA - Management and democracy in a participative school

Lúcia Denise de Souza Costa

Angela Mari Mattos P. Schwahn 53

9 MOTIVAÇÃO E AUTOESTIMA: possibilidades para o sucesso educacional - Motivation and self-esteem: possibilities for educational success

Juliana Dias Mendes

Vanessa de Pieri Teixeira Vitoreti

Adriana Souza da Silva 61

10 ALFABETIZADOS OU LETRADOS? Uma experiência da turma do 2º ano do Ensino Fundamental na rede pública de ensino - Literacy: A 2nd grade class experience of elementary school in the public school system

Jozelia Araujo Oliveira

Marta da Graça Lima 69

A RELEVÂNCIA DA PESQUISA PARA A EDUCAÇÃO E PARA A SOCIEDADE (A IDEOLOGIA PEDAGÓGICA DE FREIRE)

Relevance of research in education process and importance to society
(Freire's educational ideology)

Aline Vanderlinde¹

Elida Maria de Melo Ferreira¹

Janice Voigtlaender¹

Scheila Patrícia Zichuhr¹

Graciele de Souza Colling¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da pesquisa tanto para a educação quanto para a sociedade. O papel do professor pesquisador em trazer novos horizontes e perspectivas, construindo novos conhecimentos coletivos. O processo político brasileiro, a distinção entre pedagogia e política em relação ao ato pedagógico e a luta entre antagônicos e o ato político pedagógico e o conhecer juntos, a diferença entre a educação reprodutora e a educação transformadora e as funções do processo educacional na sociedade. A ideologia pedagógica de Paulo Freire, que é educar para a libertação, porque só o conhecimento educa o homem para assumir seu papel de libertador, de transformador da sociedade em que vive, construindo e modificando sua própria história.

Palavras-Chave: Professor. Pesquisa. Educação. Sociedade.

Abstract: This paper aims to demonstrate the importance of research both for education and for the society. The role of research teacher in bringing new horizons and perspectives building new collective knowledge. Brazilian political process, the distinction between pedagogy and policy towards the pedagogical act and pedagogical political act and the knowledge together the difference between reproductive education and to transforming education and functions of the educational process in society. The pedagogical ideology of Paulo Freire which is to educate for liberation because only knowledge educates the man to take his liberating role, transform the society in which lives in building and modifying his own history.

Key words: Teacher. Research. Education. Society.

Introdução

Na conjuntura atual, com tantas transformações na sociedade devido às mudanças nos níveis econômico, político e social, entendemos que a ciência e a tecnologia são motores do progresso que proporcionam não somente o desenvolvimento do saber humano, mas também uma evolução real dele mesmo. Vendo deste ângulo, subentende-se que “ciência e tecnologia” trarão somente benefícios à humanidade.

A pesquisa pressupõe alguns elementos fundamentais para sua realização, tais como: a criatividade, a inovação, a elaboração própria, o questionamento da realidade, a criação, a descoberta. Portanto, a pesquisa, de forma geral, no âmbito educacional, compreende a capacidade do professor pesquisador em elaborar e construir conhecimentos por si próprio; ou seja, é uma construção pessoal que pode ser coletiva, mas que sempre traz benefícios para o coletivo.

Cabe observar que a pesquisa apresenta múltiplos horizontes e perspectivas, sendo também uma (re)descoberta da realidade. A realidade é composta por muito mais do que somente

¹Centro Universitário Leonardo dVinci – UNIASSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

aquilo que se pode compreender e visualizar. Nesse sentido, à ciência cabe o papel fundamental de captar e compreender o todo da realidade, não a reduzindo a pequenos fragmentos dessa realidade. Trata-se de uma indagação a respeito da essência do significado de pesquisa, a fim de torná-la comum a todos nós, no entanto, sempre articulada com o ensino.

Investir em educação e pesquisa (desenvolvimento social) é uma condição essencial para que um país obtenha sucesso no campo do desenvolvimento científico e tecnológico.

Por isso, o termo **inclusão social** está tão evidente nos tempos atuais, porque subentendemos a inclusão social como um processo que permitirá que aqueles que hoje estão à margem do sistema socioeconômico busquem alternativas de trabalho, de renda, através de atividades produtivas, ocasionando desenvolvimento e progresso para este sujeito. Entretanto, há outra dimensão: a política e cultural, entendida como a participação plena e de forma ativa de todos os cidadãos nos processos que ocorrem na sociedade, proporcionando autonomia a ela. No entanto, este conhecimento só adquire legitimidade e utilidade quando é produzido com a participação do movimento social (indivíduo) + comunidade de pesquisa (escola) = construção de conhecimento ou novos conhecimentos que transformam.

O processo político brasileiro

Para Freire (1970), é impossível dissociar a tarefa pedagógica do prático. Na sua concepção, o educador é político enquanto educador, e o político é educador pelo próprio fato de ser político. No seu entendimento, a atividade do professor já representa uma opção política.

A educação que Paulo Freire propõe é uma educação que venha a ser construída hoje a partir de um debate amplo, e não só de professores, mas envolvendo vários segmentos sociais, como: pais, alunos, jornalistas, políticos, enfim, toda a sociedade brasileira repensando, reapercebendo o Brasil.

Esta percepção de Freire, sem dúvida alguma, se deve ao período político em que viveu - uma ditadura que silenciava a voz do povo, do educador, do jornalista, do cantor, do escritor. Vivia sob um sistema político e educacional imposto, foi exilado por tentar levar o indivíduo a pensar e se libertar do que o oprimia.

Quando retorna ao Brasil, começa a presenciar e viver um processo político de massa. Tratou-se de um momento histórico diferente para a abertura e a livre expressão e, nesta caminhada, Freire traz consigo propostas pedagógicas novas.

Certamente, destas experiências vem a presença tão forte do político no pedagogo Paulo Freire, que insiste em olhar a própria história para construir um futuro melhor, libertador. Então afirma:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá melhor que eles os efeitos da opressão? Quem mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? (FREIRE, 1970, p. 31)

Essa prática política de uma voz, que luta contra o silêncio a ela imposto por todos esses anos de regime autoritário, foi também um momento extraordinário de pedagogia no dinamismo, na intimidade de um processo político que não se eximia de ser pedagógico que foi e é: o desejo de votar.

Distinção entre pedagogia e política

O caráter específico do político seria o **vencer**; enquanto que o caráter específico do pedagógico seria **convencer**. Logo, no âmbito pedagógico, a relação se daria entre não antagonicos,

enquanto que no âmbito político a relação se daria entre antagônicos na prática, e do ponto de vista pedagógico as relações pedagógicas se dão quer entre antagônicos, quer entre não antagônicos.

Atos pedagógicos x a luta entre antagônicos

Na luta entre os contrários, as pessoas podem vir a aprender mais e ensinar também. Podem modificar sua visão de mundo na luta entre esses contrários, por exemplo: quando lados opostos (dois ou três) se encontram para um debate, é o ato pedagógico que convence os contrários a uma mudança transformadora da sociedade levando o vencedor ao poder: que é o ato político.

Atos políticos pedagógicos x conhecer juntos

“O conhecer” é um ato que permeia tanto o político quanto o pedagógico, onde o vencer/convencer não ressalta a ideia de convencer como sendo um ato de persuadir, mas um ato de aprender juntos, conhecer juntos, vencer com. Não se trata de vencer ou persuadir alguém, mas identificar os pontos em que a gente concorda ou não. Para Freire, o propósito do educador é tentar que o outro caminhe.

Educação reprodutora x educação transformadora

Um educador reacionário opera metodologicamente diferente de um educador revolucionário.

Numa sociedade de classes, o papel do educador tem características específicas: o reacionário está a serviço da classe dominante, é autoritário, repetitivo, anda como quem possui o objeto de repassar o conhecimento para o educando e controlá-lo pelo poder sobre o método de que ele se apropria.

O educador revolucionário está a serviço da classe dominada, é consciente, tem um compromisso político com essa classe, sabe se comportar, não se acomoda, mas se reinventa todo dia. O educador revolucionário tem a consciência de que o educando já vem com um saber, e que sua tarefa é possibilitar, através do desafio, da colaboração, da não possessão do método e da comunhão do método com a classe, que ela reveja, reconheça o que já conhece, ou seja, que conheça melhor.

A educação libertadora da Pedagogia Freire (1972) elimina o muro da divisão e da diferença de classe entre educador e educando; pois para ele, educador do educando, bem como educando do educador, ambos tornam-se sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os argumentos da autoridade já não valem, porque os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

O educador-educando x libertação

O educador-educando passa a utilizar a educação como prática da liberdade, levantando problemas e suscitando atitudes críticas, ao invés de transmitir certezas e verdades. Entendendo que a sabedoria está na consciência ética de que nenhum homem sabe tudo; eu não sei tudo, o outro sabe que eu não sei. É uma consciência de si e do outro e do mundo.

Para Freire, a pedagogia é uma filosofia de vida, uma pedagogia libertadora (uma educação para a libertação), reflexão e ação, cujo objetivo é a libertação do homem oprimido. O

homem é o centro de sua pedagogia. Na concepção antropológica de Freire, o homem é um ser que pergunta, se interroga e, no jogo de suas respostas, o método para a libertação do homem oprimido, está o diálogo. Por meio dele, os homens se encontrarão, se comunicarão e superarão as situações de explorados. Na sua concepção, a educação deve possibilitar a construção de uma pedagogia que ultrapasse os limites do conhecimento formal das disciplinas, alcançando a capacidade de relacionar os saberes escolares com uma nova leitura da sociedade.

A educação e as funções do processo educacional no interior da sociedade (uma visão sociológica)

Do ponto de vista sociológico, “educação” é o processo de socialização dos indivíduos para uma sociedade harmoniosa e democrática, a qual é controladora e mantida pelos indivíduos que a compõem.

Dentro dessa visão, mostraremos duas correntes opostas com relação a suas funções no processo educacional na sociedade. Na concepção do pensamento de Durkheim, ele pressupõe que o processo educacional emerge através da “família, igreja, escola e comunidade”. Durkheim parte do ponto de vista de que o homem é egoísta, que necessita ser preparado para sua vida na sociedade. Este processo é realizado pela família e também pelas escolas e universidades: a ação exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda não estão maduras para a vida social tem por objetivo suscitar e desenvolver determinados números de estados físicos, intelectuais e morais que deles reclamam, por um lado, a sociedade política em seu conjunto e, por outro, o meio específico ao qual está destinado. (DURKHEIM, 1973, p. 44).

Segundo Durkheim, o objetivo da sociologia é o fato social que se impõe, coercitivamente, como uma norma jurídica ou como uma lei. Desta maneira, a ação educativa permitirá uma maior integração do indivíduo e também sua forte identificação com o sistema social.

Ele rejeita a posição psicologista, pois os conteúdos da educação são independentes das vontades individuais, são as normas e os valores desenvolvidos por uma sociedade ou grupo social em determinados momentos históricos, que adquirem certa generalidade e, com isso, uma natureza própria. Afirma que: “A criança só pode conhecer o dever através de seus pais e mestres. É preciso que estes sejam para ela a encarnação e a personificação do dever. Isto é, que a autoridade moral seja a qualidade fundamental do educador”.

A autoridade não é violenta, ela consiste em certa ascendência moral; liberdade e autoridade não são termos excludentes, eles se implicam. A liberdade é filha da autoridade bem compreendida, pois ser livre não consiste em fazer aquilo que se tem vontade e, sim, em ser dono de si próprio, em dever. E justamente a autoridade de mestre deve ser empregada em dotar a criança desse domínio sobre si mesma. (DURKHEIM, 1973, p. 47).

Na Revista Avaliação, artigo sociológico, Alberto Noé (2000, p. 17) afirma: “Para Durkheim, a educação não é um elemento para a mudança social, e sim, pelo contrário, é um elemento fundamental para a conservação e funcionamento do sistema social”.

No entanto, uma corrente contrária, a de Dewey e Mananheim, tem como concepção o pensamento de que: “A educação constitui um mecanismo dinamizador das sociedades por meio de um indivíduo que promove mudanças”. Segundo Dewey (1971, p. 29), a educação: “... não é preparação nem conformidade. Educação é vida, é viver, é desenvolver e crescer”.

A escola seria uma microcomunidade democrática, um esboço da socialização democrática, ponto de partida para reforçar a democratização da sociedade; o que proporcionaria para os indivíduos ter chances iguais, bem como igualdade de oportunidades, dentro de um universo social de diferenças individuais.

As funções do processo educacional

Apesar das diferenças entre as correntes sociológicas que se atêm a esta questão, podemos encontrar um ponto de encontro: A educação cultural como ponto de equilíbrio. É o fator fundamental do sistema social, sendo função da escola no processo de transmissão cultural amplo do termo:

- *Valores
- *Normas
- *Atitudes
- *Experiências
- *Imagens

*Representações, entendendo que sua função principal é “**a reprodução do sistema social**”, não fazendo do indivíduo e seus interesses objetos únicos da educação, porque antes de tudo a educação é o meio pelo qual se renova a sociedade. A sociedade só pode viver se entre seus membros existe uma suficiente homogeneidade.

Desde criança, o indivíduo já fixa dentro de si, através da educação, as semelhanças essenciais que a vida coletiva supõe. E a escola é o espaço que garante que a aprendizagem aconteça numa educação voltada para o exercício ético da democracia e da cidadania.

Na atualidade, temos escolas que se veem diante de vários problemas educacionais relacionados à desordem, ao desrespeito de regras de conduta e à falta de limites com seus alunos, que consideram como responsabilidade da família, e esta, por sua vez, alimenta ou se aninha na expectativa de que a escola forneça à criança ensinamentos que fazem parte de sua responsabilidade.

É visível a grande maioria de alunos que vêm para a escola com os limites não trabalhados pela família, que passa toda responsabilidade para a escola. Assim, é de vital importância no processo ensino-aprendizagem que as duas instituições, “família e escola”, se unam, objetivando investigar qual o papel da família e da escola no desempenho escolar da criança. Dessa forma, alcançarão o objetivo almejado, a construção de valores, ações formativas, bem como outras práticas essenciais para a formação da criança.

A educação é transformadora ou conservadora?

Nosso objetivo em colocar uma visão sociológica sobre educação na sociedade foi exatamente o de nos fazer refletir, pois o olhar do pedagogo é sempre para o horizonte, para a frente, para o futuro, enquanto que o olhar do sociólogo é o de peneirar o que de bom ficou e segurar para não perder (conservar). Então, podemos entender que o papel do educador é desafiador, e como Freire afirma muitas vezes, não deixa de ser político, porque os homens se acostumam com o que conhecem, e mesmo que não seja o melhor para eles, aceitam como se o fosse pelo medo do “novo”, do “fazer de maneira diferente”, do “buscar novos caminhos para o conhecimento”.

O papel do educador também é o de ter muito respeito por aquilo que talvez não seja imutável, mas é o melhor que pode ser. “Não adianta querer viver uma utopia”, uma impossibilidade.

Por isso mesmo, pensar certo consiste em que o professor ou, mais amplamente, a escola, respeite os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela. Tratam-se de saberes socialmente construídos na prática comunitária que devem ser discutidos com os alunos no que diz respeito à sua razão de ser e a relação que possuem com os conteúdos.

Cabe ao professor aproveitar a experiência que os alunos têm de viver em áreas da cidade des-
cuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos,
os lixões e os riscos que oferecem à saúde da população e os baixos níveis de bem-estar das
populações.

Considerações finais

A relevância da pesquisa para a educação e a sociedade segundo o olhar do pedagogo
Paulo Freire se deve ao fato de que o educador exerce um papel muito importante na educação,
quando organiza os saberes de cada aluno e os complementa com o saber científico. Logo, o
educador possui um papel importante na sociedade, já que leva o seu aluno a perceber o mundo
ao seu redor e a sua importância nele, tirando-o da posição de mero espectador e transforman-
do-o num cidadão que constrói sua própria história, mudando a realidade que muitas vezes o
oprime, humanizando-o e melhorando a sociedade em que ele está inserido.

Fica subentendido que o educador é instrumento desta grande mudança na sociedade. É
aquele que pesquisa, que se capacita, reflete, se educa, sempre se redescobrimdo, reeducando-se
e usando este conhecimento em favor da maioria.

Referências

DURKHEIM, É. O suicídio: estudo sociológico. Lisboa: Presença, 1973.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. Pedagogia da Esperança. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. Pedagogia da Indignação. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. Pedagogia: diálogo e conflito. 3.
ed. São Paulo: Cortez - Autores Associados, 1989.

NOÉ, Alberto. Educação e Sociedade. Revista Avaliação, Campinas-SP, v. 5, n. 3, set. 2000, p.
17.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.

A EDUCAÇÃO E SUA PRÁTICA NO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

The education and its practice in social and historical context

Janete Adriano Kupper¹

Resumo: A educação é um dos pilares que norteiam a sociedade moderna. Por isso mesmo é que ela deve ser discutida, repensada e rediscutida, não só nas universidades, nos governos, mas principalmente na sociedade (pais, alunos, professores), para que não se torne justamente um meio de dominação de massa. A educação que busca formar cidadãos criativos, críticos e que vão à busca de novos conhecimentos precisa estimular desde cedo a pesquisa. Este é o desafio da educação. O mundo, com suas tecnologias, modificou-se, mas a escola continua a mesma, formando cidadãos para serem obedientes e de saberes fragmentados, importantes na industrialização. Hoje, estamos na era da robótica e da informática, exige-se outros saberes para a sociedade que aí está, precisa-se de uma escola que atenda a essas novas necessidades. Na educação fala-se muito em pesquisa, mas pouco se faz na prática. É preciso diminuir as diferenças existentes entre os professores pesquisadores e construtores de competências e os professores repassadores teóricos.

Palavras-chave: Educação. Prática. Desenvolvimento.

Abstract: The education is one of the mainstays that guide the modern society. And therefore it must be discussed, thought and rediscussed not only in the universities and governments, but mainly in the society (parents, students, teachers), in order to this don't become a way to manipulate the people. The education that tries to form creative and critic citizens that will go after new knowledge, needs to stimulate since an early age the research. This is the challenge of the education, the world with its technologies has changed, but the school still the same, forming citizens to be obedient and of fragmented knowledge, important only for the industries. Today we are in the electronic age, and new knowledge are required for this society, its necessary to have a school that attends to this new demands. In the education many people talk about research, but a little is really done. It makes necessary to reduce the differences between the researcher teachers the competence builders and the theoretic instructors.

Keywords: Education. Practice. Development.

Introdução

A educação hoje não deve ser analisada como um processo estanque em si mesma, mas como um processo do contexto sociopolítico e econômico em que vive a sociedade. Deve ser encarada como parte integrante de um sistema que pode usá-la de acordo com os seus interesses. A base material da relação entre os povos foi evoluindo, e modificando seus determinantes.

O primeiro determinante na relação dos povos foi o músculo - FORÇA. Os grupos mais fortes fisicamente detinham o poder e impunham seu domínio através do medo, isto na época das cavernas.

Com o surgimento das cidades e o comércio, as relações entre os povos evoluíram, surgindo um novo determinante nas relações: o dinheiro - RIQUEZA. A riqueza compra a força e está fundada na lei da vantagem. É um determinante extremamente competitivo, pois se partilho com os demais, meu poder diminui. Grande parte de nosso sistema de ensino está fundada ainda neste determinante, quando prepara seus alunos apenas para o mercado de trabalho, oferece prêmios para os primeiros colocados. Paulo Freire denomina esta educação de bancária, pois apenas transmite informações para que seus alunos as repitam mais adiante, não produz conhecimento.

¹Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: <www.uniasselvi.com.br>.

A humanidade começou a desenvolver suas tecnologias, e quem possuísse as melhores informações tecnológicas passava a construir grandes riquezas, surgindo aí o terceiro e atual determinante social, o CONHECIMENTO. O conhecimento cresce e aumenta quando usado, permitindo parceria, diferenciando-se desta forma dos demais determinantes sociais.

Qual será o objetivo da educação neste novo contexto social?

A função da educação é, antes de tudo, instruir o educando ao conhecimento humano mais amplo e, acima disso, socializá-lo da melhor forma possível, independente de interesses externos à educação. A educação deve transcender as leis de mercado e de governo ou de instrumentos de avaliação e ser adaptada às necessidades de cada educando, para que este possa ter condições de se adaptar a outras situações. Dessa forma, o educando poderá adaptar-se, inclusive, ao mercado através do desenvolvimento de sua consciência crítica, de sua inteligência racional, de sua face humana, e poderá resgatar algo que há tempos muitos homens perderam: o bom senso com relação ao ambiente em que vivem e seu próximo. A valorização do humanismo e a restauração do bom senso é uma das formas de enfrentar a frieza do mercado neoliberal. Segundo Paulo Freire, devemos lutar muito, nas escolas, pela ética, aquela afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero e classe.

Por que o enfoque no humanismo e no resgate da ética e do bom senso? Porque é justamente a ética e o bom senso que nos fazem repensar os fatos e procurar a verdade das coisas. Com a globalização, em vez de diminuir, as diferenças econômicas estão aumentando. A globalização, tema abordado no Relatório de Desenvolvimento Humano de 1999, provocou um fenômeno que visa muito mais desenvolvimento econômico e expansão de mercados do que o bem-estar das pessoas. Uma das frases mais ouvidas é a seguinte: *O mercado somente torna cidadãos mundiais aqueles que podem pagar por isso.*

Diante de toda essa discussão político-social, que demanda estão tentando atender nossas escolas? A dos nossos alunos ou a da globalização e do neoliberalismo, que, com sua pressão econômica, reduzem a verba em educação e abrem o mercado econômico? Somente quando detectarmos as demandas da sociedade do conhecimento para a escola e as colocarmos em prática, estaremos cumprindo o verdadeiro papel da educação na sociedade. Para que esta prática aconteça no ambiente escolar, ela deve ser planejada. Comumente chamamos este planejamento de Projeto Político-Pedagógico. Este projeto está sempre em contínua construção, tem que ser registrado para que haja uma caminhada conjunta de todos os membros da escola. Com este planejamento das atividades, as pessoas determinam os interesses e objetivos que orientam sua prática pedagógica. Os profissionais da escola passam a trabalhar em equipe, eliminando a dominação e a hierarquia escolar. Com as mudanças na escola, a relação professor-aluno fica mais humanizada, ocorrendo a aprendizagem e a partilha desta aprendizagem entre todos os membros da escola.

Esta nova proposta escolar, além de conhecimento, constrói competências e ensina a pesquisar. A competência seria essa capacidade de continuamente improvisar e inventar algo de novo, sem lançar mão de uma lista preestabelecida (Perrenoud, 1999). De acordo com o mesmo autor: as potencialidades do sujeito só se transformam em competências efetivas por meio de aprendizados que não intervêm espontaneamente, por exemplo, junto com a maturação do sistema nervoso, e que também não se realizam da mesma maneira em cada indivíduo. Cada um deve aprender a falar, mesmo sendo geneticamente capaz disso. Assim, também as competências são aquisições, aprendizados construídos, e não virtualidades da espécie. Dentro desta nova proposta escolar, a escola tem obrigação de desenvolver as competências de seus alunos.

Mas para que isso aconteça, os profissionais da escola também precisam ter suas competências desenvolvidas, participando efetivamente do processo.

Em nossas escolas construímos seres memorizados, gramaticais, cheios de regras, estruturalistas. Se não estiverem dentro de uma estrutura, não os avaliamos. É preciso construir rachaduras nesta caixa. O ensino só é feito através do aluno. O discurso e a linguagem utilizada na sala de aula constroem o conhecimento. Ex.: o professor expõe seus textos junto com os do aluno. O texto, a fala, são os valores relacionados com a pedagogia construída pelo professor. Precisamos de salas de aula cheias de significados, para que os alunos desenvolvam sua aprendizagem. Podemos usar aqui a analogia dos alimentos, é preciso uma alimentação variada para não enjoar. Através da construção das competências em nossos alunos é que iremos gerar mudanças no mundo real. A escola, antes de tudo, deve ser o lugar de construção de conhecimento, juntamente com a família. Pensar educação significa imprevisibilidade, busca constante de desenvolver competências.

Mas, qual o lugar e o limite do conhecimento científico dentro do domínio do saber? Seria a atividade científica uma busca desinteressada de conhecimentos?

Hoje, educadores e pesquisadores se encontram em uma encruzilhada: ou vai-se em busca do novo, do produzir competências e do modificar a escola que aí se encontra, ou finge-se que nada acontece ao nosso redor, levando a escola ao descrédito total da sociedade do conhecimento, da qual os alunos serão as principais vítimas.

Teoria ou prática nas escolas?

Nos acontecimentos da sala de aula e nas questões rotineiras é que se baseia esta reflexão sobre a educação hoje. Muitas vezes, as coisas acontecem e não se toma o tempo de refletir sobre elas. É preciso registrar as práticas que acontecem no cotidiano social, político e educacional com a finalidade de estudá-las e descobrir novas formas de desenvolvê-las.

Querer utilizar a pesquisa como um dos principais instrumentos da prática pedagógica nos leva a uma velha problemática, a da relação teoria-prática.

A teoria na prática é outra representação máxima da dicotomia cujo exercício acaba determinando o aparecimento de dois tipos distintos de profissionais: os pesquisadores de um lado, reivindicando a soberania da teoria - e os professores do outro - idolatrando a prática - e, entre eles, os alunos, a sala de aula. (FAZENDA, 1992, p. 77)

Vivemos num mundo onde os professores das universidades possuem uma carga horária destinada à pesquisa e bons salários, construindo teorias com seus alunos nas escolas públicas. Por outro lado, temos os professores da educação de base nas escolas públicas, com pouca formação e uma carga horária enorme, além de estarem sujeitos a políticas eleitoreiras e baixos salários. Com essa realidade, cada vez mais vemos bons profissionais desistindo desta carreira. É preciso que se busque um equilíbrio entre quem constrói a teoria e quem a aplica na sala de aula, tanto na formação, no tempo para estudo e pesquisa e também na equiparação salarial.

Para definirmos os termos, gostaríamos de descrever o professor pesquisador como o professor crítico e reflexivo, que vai em busca do saber. Já o professor teórico como repassador de conteúdos, imitador.

Professor e as políticas educacionais

Quem ensina carece pesquisar, quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina jamais o foi. Pesquisador que só pesquisa é elitista e explorador, privilegiado e

acomodado. (...) Professor é quem, tendo conquistado espaço acadêmico próprio através da produção, tem condições e bagagem para transmitir via ensino. Não se atribui a função de professor a alguém que não é basicamente pesquisador. (DEMO, 1996, 28)

Será que o professor hoje tem condições de ser pesquisador, de construir competências? Como anda sua formação, seu tempo para aperfeiçoamento e preparo das aulas?

O professor deve ser atuante na política educacional, deve ter senso crítico e ser politizado para buscar e lutar pelos seus direitos, para que eles tenham mais tempo de preparar suas aulas, pesquisar para organizarem aulas desafiadoras e interessantes para os alunos desta nova geração. Mas, mesmo tendo comprovado a necessidade desses tempos para pesquisa e aprovação da lei, muitos governantes ainda não reconheceram esse direito do professor. Alegam falta de recurso, mas o que se observa é um desinteresse em uma política educacional de valorização do professor e da educação. O professor que está no chão da sala de aula é muito pouco valorizado e tem que dar muitas aulas, o que não lhe permite, muitas vezes, prepará-las com qualidade.

O professor precisa também ter espaço para uma formação continuada que lhe dê condições de aperfeiçoar seu conhecimento e discutir com seus pares a conjuntura política e social em que nos encontramos. Somente assim poderá discutir o fator social e político na formação do aluno e que possa desenvolver sua cidadania com consciência e autonomia.

A nova LDB, em seu artigo 67, nos diz que os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais de educação, assegurando inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público. O parágrafo V do mesmo artigo cita período reservado a estudos, planejamentos e avaliação, incluídos na carga de trabalho.

Se esta lei fosse obedecida, nossos profissionais hoje teriam o direito de planejar seus estudos dentro do próprio horário de trabalho, privilegiando a pesquisa. Porém, até o presente momento isso não vem ocorrendo.

Pesquisar é ir à busca de novos conhecimentos. As escolas só estarão construindo conhecimento quando incorporarem a pesquisa nas suas práticas diárias. Pesquisa não é só fazer cópia de determinado assunto de um livro, mas, também, reconstruir o caminho do autor para chegar àquela conclusão e saber trazer o tema para a sua realidade, que muitas vezes diverge do contexto do autor.

Conclusão

Em nossas escolas encontramos alunos enfileirados e sem interesse pelos estudos. Professores não se encontram muito diferentes, com seus conteúdos monótonos, repetitivos e, algumas vezes, desatualizados. Precisamos mudar esta realidade, diminuir a distância entre o professor pesquisador que desenvolve competências nos seus alunos e o professor de sala de aula, mero repassador de conteúdos. O aluno que constrói seu conhecimento busca novas descobertas, aprende com prazer e para a vida toda. O aluno que decora e apenas repete conhecimentos pertence a uma sociedade que não existe mais, a sociedade da industrialização, da mecanização, onde o estudante era treinado para repetir, para ser peça de engrenagem na fábrica. Precisamos hoje de alunos críticos, criativos, autônomos, que buscam suas descobertas e constroem seu conhecimento.

Parar de ensinar verdades fechadas aos alunos e auxiliá-los a construir suas competências, para que descubram suas verdades e seu caminho para o mundo da ciência e do conhecimento, deve ser o objetivo da educação dos nossos dias.

Referências

- BACHELARD, G. **O Novo Espírito Científico**. Rio de Janeiro: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1979.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Educador: vida e morte**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1986.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Lei número 9.394, 20 de dezembro de 1996.
- CANGUILHEM, G. “O Objeto da História das Ciências”. **Tempo Brasileiro**. n. 28. Jan/mar. 1972.
- D’ AMBRÓSIO, U. **Educação para uma sociedade em transição**. São Paulo: Papirus, 1999.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. São Paulo: Autores Associados, 1996.
- DEMO, P. **Pesquisa, Princípio Científico e Educativo**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- FAZENDA, I. (Org.). **Novos Enfoques da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1992.
- FERREIRA, N. S. C. (Org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Paz e Terra, 1996.
- _____. (Org.). *O processo educativo segundo Paulo Freire & Pichon Riviere*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- _____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1968.
- FRIGOTTO, G. (Org.). **Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: introdução à Pedagogia do Conflito**. São Paulo: Cortez, 1998.
- GRAMSCI, A. “La Science et les Ideologies Scientifiques”. *L’Homme et La Societé*, n. 13, Juillet/Août/Septembre, Paris: Anthropos, 1969.
- GUIMARÃES, A. A. (Org.). **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. São Paulo. Edições Loyola, 1998.
- JAPIASSU, H. **Questões Epistemológicas**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.

JAPIASSU, H. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

MENDONÇA, W. A Filosofia Fácil: Um Ajuste de Contas com a Filosofia, **Cadernos SEAF**. Petrópolis: Vozes, 1979.

NOSELLA, P. **A escola de Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OLIVEIRA, J. B. A. **A Pedagogia do Sucesso**. São Paulo: Saraiva, 1999.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

RUMMEL, J. F. **Introdução aos Procedimentos de Pesquisa em Educação**. São Paulo: Globo, 1972.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1988.

SCHWARTZMAN, S. **Ciência. Universidade e Ideologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THUILLIER, P. **Jeux et Enjeux de la Science**. Paris: Laffont, 1972.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.

A ESCOLA E A FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DA CIDADANIA

School and family in the formation of citizenship

Sandra Koslowski¹
Natacha Roberta Barboza¹

Resumo: A educação na formação da cidadania confere importância ao cotidiano escolar. A responsabilidade da escola nesta batalha envolve toda a comunidade escolar, desenvolvendo atividades necessárias que contribuem para a formação do “ser” cidadão. Essa rotina deve ser estruturada através de técnicas do dia a dia, a fim de despertar a curiosidade e o interesse do aluno. A escola também deve desenvolver atividades que possam interagir com a família, já que ela faz parte do primeiro contato do ser humano com o mundo. Esse envolvimento e a união desses dois eixos - escola e família - contribuem muito no ensino-aprendizagem do aluno quando nos referimos à cidadania, que é um assunto amplamente discutido na atual sociedade.

Palavras-chave: Escola. Cidadania. Família.

Abstract: School education in the formation of citizenship is the importance of daily school to build a citizen life. The school's responsibility in this battle involves the entire school community, developing necessary activities that contribute to the formation of “being” citizen. In addition, this routine should be structured with techniques of everyday life in order to arouse the curiosity and interest of the student. The school must also develop activities, which can interact with the family, as it is part of the first contact of the human with human, so it will be emphasized here as well the importance of this interaction. This involvement and the union of these two axes - school and family - contribute much in teaching and student learning when referring to citizenship, which is a subject widely discussed in society today.

Keywords: School. Citizenship. Family.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo aprofundar o conhecimento, investigando a importância da educação escolar na construção da cidadania. Isto levando em conta que para que os alunos sintam a natureza dos fatos é necessário envolver-se com uma aprendizagem que os leve a ações cidadãs. Desta forma, é no coletivo da escola, com a finalidade de contribuir com a construção do conhecimento dos alunos dentro do assunto abordado, que se deve agir com responsabilidade pela formação de integração dos mesmos na sociedade.

A metodologia utilizada na realização deste estudo se dá por meio de pesquisas bibliográficas e *sites* da internet, destacando sempre o papel da educação, que é estabelecer relação entre a teoria e a prática.

Num primeiro momento será abordado o papel da escola na educação para o desenvolvimento da cidadania. Em seguida, se dará ênfase às responsabilidades do professor no processo de ensino-aprendizagem através do cotidiano escolar e, por fim, à interação da escola com a família, dentro desse processo educativo.

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

A educação escolar na formação da cidadania

Conforme Werneck (1984), a educação promove mudanças nas atitudes e comportamentos do ser humano, tendo como resultado uma conscientização em todos os aspectos.

Dessa forma, Koslowski (2013) diz que:

A educação sempre foi um processo de vital importância para a sobrevivência do ser humano, para a formação de suas capacidades e do seu caráter, sobretudo se considerar, como base para a sua sobrevivência, a observação do meio social que o acolhe e, por consequência, a manutenção deste meio. (KOSLOWSKI, 2013, p. 10)

Para Machado (2006), a educação deve ser estruturada a partir de projetos educacionais, tendo como base seis valores, entre eles, a cidadania, ressaltando que:

Nos tempos atuais, nenhuma caracterização das funções da educação parece mais adequada do que a associação da mesma à formação do cidadão, à construção da cidadania. Nos mais variados países e em diferentes contextos, educação para a cidadania tornou-se uma bandeira muito fácil de ser empunhada, um princípio cuja legitimidade não parece inspirar qualquer dúvida. A não ser a que se refere ao próprio significado de expressão “educar para a cidadania”. (MACHADO, 2006, p. 40).

Nesse sentido, Werneck afirma que:

A educação deve promover a emancipação e ela se faz por meio de uma consciência crítica que permita maior comunicação entre os homens. A comunicação verdadeira resulta da consciência crítica ao mesmo tempo em que a propicia. Uma ação pedagógica deve possibilitar essa comunicação aprimorando o nível de entendimento, estimulando a reflexão, a autocrítica. (WERNECK, 1984, p. 103).

Como podemos perceber, a educação escolar sempre está contribuindo para a autoformação da cidadania. E a escola deve preparar um ambiente acolhedor para que o aluno se sinta especial, capaz e comprometido com a responsabilidade pessoal e comunitária, com o conhecimento da vida e dos fatos, com a compreensão das culturas, das nações e do mundo.

A escola deve ser um lugar aberto à solidariedade, à justiça, à responsabilidade, tolerância, respeito, sabedoria e conhecimento.

[...] a educação deve, antes de tudo, transmitir os valores e as representações que a alicerçam. Quanto mais comunitária uma sociedade, mais importância ela confere à consciência coletiva e, portanto, mais ela valoriza a função de transmissão de valores pela escola. (NEVES, 2009, p. 22)

Se o papel da escola é contribuir na construção de uma vida cidadã, ela deve usar diferentes estratégias no dia a dia para despertar a curiosidade e o conhecimento do aluno, envolvendo toda comunidade escolar, pois, como explica Libâneo (1994):

O processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções. (LIBÂNEO, 1994, p. 29)

A convivência através do cotidiano escolar oportuniza à instituição de ensino contribuir diariamente na formação de novos cidadãos. A cada dia deve usar diferentes formas para in-

fluenciar no interesse dos alunos. Nesse sentido, Libâneo (1994) diz que:

[...] a prática educativa, a vida cotidiana, as relações professor-aluno, os objetivos da educação, o trabalho docente, nossa percepção do aluno estão carregados de significados sociais que se constituem na dinâmica das relações entre classes, entre raças, entre grupos religiosos, entre homens e mulheres, jovens e adultos. São seres humanos que, na diversidade das relações recíprocas que travam em vários contextos, dão significados às coisas, às pessoas, às ideias. [...] Este fato é fundamental para compreender como cada sociedade se produz e se desenvolve [...] (LIBÂNEO, 1994, p. 21).

Dentro do coletivo que forma a família escolar, o professor é o que mais tem contato com os alunos diariamente. Por isso ele deve ser parceiro do aluno no processo de aprendizagem, incentivando-o a questionar, a pesquisar, a ler, a interpretar e a elaborar ideias próprias a partir da análise dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, tornando o questionamento como atividade comum e importante no processo de construção do conhecimento.

[...] ensinar não é transferir conhecimentos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os notam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p. 25)

E ainda, com relação às responsabilidades dos educadores nas escolas, segundo Libâneo (1994):

Sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classe, na vida cultural e política... A característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade [...]. (LIBÂNEO, 1994, p. 47)

Quando um professor facilita a conversação e o diálogo com seus alunos, permite a eles uma melhor organização lógica dos conhecimentos, pois segundo Koslowski (2013, p. 13), “[...] o diálogo assume o papel de condicionante da manifestação do aluno, favorecendo a leitura do mundo do educando, reconhecendo a historicidade do saber e promovendo a relação democrática entre professor e aluno”. Desta maneira, o aluno vai elaborar métodos com ideias independentes, levando ao enriquecimento através de valores e princípios que o ser humano adquire para a vida inteira, conforme destaca Libâneo:

A assimilação dos conhecimentos e o domínio de capacidades e habilidades somente ganham sentido se levam os alunos a determinadas atitudes e convicções que orientam a sua atividade na escola e na vida, que é o caráter educativo do ensino. A aquisição de conhecimentos e habilidades implica a educação de traços da personalidade (como caráter, vontade, sentimentos); estes, por sua vez, influenciam na disposição dos alunos para o estudo e para a aquisição dos conhecimentos e desenvolvimento de capacidades. (LIBÂNEO, 1994, p. 71).

É muito importante que os professores planejem as suas aulas de modo a aproveitar o máximo da capacidade de cada aluno, a fim de que ele possa desenvolver os seus talentos e habilidades, buscando a sua própria identidade e futuramente agir no grupo perante uma sociedade. Dessa forma, Libâneo (1994) diz que:

O sinal mais indicativo da responsabilidade profissional do professor é seu permanente empenho na instrução e educação dos seus alunos, dirigindo o ensino e as atividades de estudo de modo que estes dominem os conhecimentos básicos e habilidades, e desenvolvam suas forças, capacidades físicas e intelectuais, tendo em vista equipá-los para enfrentar os desafios da vida prática no trabalho e nas lutas sociais pela democratização da sociedade. (LIBÂNEO, 1994, p. 47).

A interação da escola com a família

Outro item importante que o professor, como representante do coletivo da escola, deve levar em consideração quando vai organizar o seu plano de aula, é incluir, de alguma forma criativa, atividades que possam ser desenvolvidas com seus alunos envolvendo a interação da família. É através dessas atividades que o ser humano se relaciona durante toda a sua existência, com conhecimentos adquiridos desde a infância, primeira etapa da vida. A família faz parte do primeiro contato do ser humano com o mundo, e esses conhecimentos e essas experiências, além de refletirem a personalidade do aluno, influenciarão também no processo de desenvolvimento da cidadania.

Aquino destaca que:

A escola e a família são as duas instituições responsáveis pela educação num sentido amplo. O processo educacional depende da articulação desses dois âmbitos institucionais. Um não substitui o outro, devem sim, complementar-se. Se tanto a família como a escola são as principais responsáveis pela formação da criança ou do adolescente, é preciso que haja coerência entre princípios e valores de uma e outra, evitando confrontos entre professores, alunos, família e escola. (AQUINO, 1996, p. 47, citado por KOSLOWSKI, 2013, p. 18).

Segundo Koslowski (2013), devem ser realizadas promoções que firmem a relação afetiva e harmoniosa entre a escola e a família, a fim de atingir objetivos comuns e encontrar soluções para os desafios enfrentados pela sociedade, em busca de uma educação de qualidade para o melhor desempenho do aluno.

Assim, é dever da escola, com intervenção dos pais, a tarefa de transformar a criança imatura e ingênua num cidadão amadurecido, participativo, influente e preocupado com seus direitos e deveres. Espera-se que este ser que está em pleno desenvolvimento, em tempos futuros, se transforme em um homem consciente, crítico e autônomo, expandindo valores éticos e espírito arrojado, sendo capaz de interatuar no meio em que habita ligado a um sentimento de grupo, no qual possa interagir a partir dos seus interesses para com o coletivo, compartilhando o espaço em prol de um bem comum.

Portanto, dentro dos processos educativos na família escolar, conforme Koslowski (2013, p. 10), “A participação almejada e considerada importante para os processos envolvidos no contexto escolar refere-se ao comprometimento de professores, funcionários, alunos e pais”, para assim chegar a um objetivo desejado.

Considerações finais

Diante dos estudos realizados, percebe-se que a escola tem grande compromisso com a sociedade na formação da cidadania. Com métodos e técnicas próprias, pode intervir nos objetivos pela democratização da sociedade, através da aplicação dos conhecimentos e habilidades

em tarefas teóricas e práticas. Pois a partir do momento em que os problemas são abordados e mentalizados, forma-se o espírito para a vida coletiva e os alunos podem se tornar ativos nas batalhas sociais presentes.

Há uma longa caminhada de realidades democráticas que promovam a participação e a autonomia dos sujeitos no processo educativo, mas a busca por esta proximidade deve ser constante.

Vive-se diariamente profundas transformações sociais, econômicas e políticas. A escola, por sua vez, está sempre acompanhando essas mudanças, para que através da educação o aluno possa estar atualizado e preparado para esse “mundo” que o espera.

A educação escolar é o degrau na luta para que a cidadania possa ser continuada.

Referências

BHERING, Eliana. A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração. *Cad. Pesquisa*, n. 106, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 de jun. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, Nilson José. **Educação: projetos e valores**. 6. ed. São Paulo: Escrituras, 2006.

NEVES, Paulo S. C. (org.). **Educação e Cidadania: Questões contemporâneas**. São Paulo: Cortez, 2009.

KOSLOWSKI, Clarice. **A Escola e a Família: Uma relação necessária para a educação**. 2013. 38 f. Monografia (Curso de Pós-Graduação Lato Sensu - Especialização em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica) - UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul, Cerro Largo, 2013.

WERNECK, Vera Rudge. **A Ideologia na Educação: Um estudo sobre a ideologia no processo educativo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.

DA UTOPIA À REALIDADE: O COMPROMISSO ÉTICO DO EDUCADOR NUMA PERSPECTIVA EMANCIPATÓRIA

From utopia to reality: the ethical commitment of educator in an emancipatory perspective

Caroline Fava¹
Graziela Luz dos Santos¹
Fernanda Paulo¹

Resumo: Desde a Revolução Industrial, vivemos numa sociedade fundamentada no capitalismo, que estabeleceu a divisão das classes sociais e, conseqüentemente, ocasionou as desigualdades. Entretanto, almejamos um mundo melhor, justo e igualitário. E diante dessa problemática, faz-se mister a análise do compromisso ético do educador ante a emancipação dos indivíduos. Logo, esse trabalho, realizado a partir de determinadas obras bibliográficas, salientando principalmente as ideias de Paulo Freire, supõe a necessidade de considerar a efetividade da eticidade docente na formação de sujeitos críticos, conscientes e solidários. Constatamos, então, que embora sejamos sujeitos condicionados, mesmo no ambiente escolar (pois este, na maioria das vezes, reproduz a ideologia dominante), quanto educadores éticos, comprometidos com a prática pedagógica, somos capazes de fomentar a mudança. Por conseguinte, percebemos o quão importante é a atuação do educador, perante a realização das nossas utopias, da busca pelo resgate e valorização das virtudes essenciais na constituição de um mundo melhor. Nesse mundo, todos teriam o direito de viver plenamente, onde a injustiça, a violência e a subordinação sejam relegadas, cedendo lugar à integridade, à paz e à libertação. Portanto, onde houver educadoras e educadores comprometidos eticamente, sempre haverá possibilidades de ascensão social.

Palavras-chave: Sociedade. Ética. Docência.

Abstract: Since the industrial revolution, we lived in a society founded on capitalism. Which established the social class division and consequently Caused inequalities. However, we crave a better world, fair and egalitarian. Over this problematic, it makes ethical commitment analyze of the pedagogue Faced with the critical Individuals. Soon, this job, accomplished from determined bibliographic works, stressing mainly the ideas of Paulo Freire, It Implies the need of considering the affectionateness of ethics professoriate on the graduation of critical people, conscious and generous. Then we fix, However being conditioned people, Even in the school environment, for this most Often recreate dominant ideology, the ethical educators, committed dedicated to the pedagogical practice, we are capable of Creating Change. for this realize how important of the pedagogue, over the realization of our utopia, from the seek of rescue and appreciation of the essential virtues on the constitution for a better world, Which be, conceive everyone the right to live free, where injustice, violence and subordination, Become relegated, to place grant to integrity, peace and freedom. Therefore, where educators and pedagogues have ethical dedicated, always there will be possibilities of social ascension.

Keywords: Society. Ethics. Instructor (teacher).

Introdução

O presente *paper* tem como tema central o compromisso ético do educador numa perspectiva emancipatória, abordando a concepção de Paulo Freire e demais autores. O objetivo é analisar a ética no trabalho docente, em prol da libertação da sociedade.

Esse trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica baseada em Tafner (2012, p. 132), autora do caderno de estudos de Metodologia do Trabalho Acadêmico da UNIASSELVI. Logo, a pesquisa pressupõe o levantamento de materiais referentes ao tema em questão, levando em consideração as ideias de determinados autores, principalmente de Paulo Freire. Dessa forma, proporcionará a discussão da sociedade na qual nos encontramos acerca

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

daquela que desejamos, analisando o compromisso ético do educador diante de sua ascensão.

Ao longo do desenvolvimento, será abordado o contexto da sociedade atual em direção à que almejamos, de forma problematizada, a partir da concepção de Freire (1996, 2011), Cotrim (2006), Burg, Fronza e Silva (2013), sendo, estes últimos, autores do caderno de estudos de Fundamentos do Processo Educativo no Contexto Histórico-Filosófico, da UNIASSELVI, além de Trasferetti (2011) e Cury (2003). Posteriormente, será destacada a ética no trabalho docente, considerando que esta se afirma na sala de aula e se alonga às esferas da transformação social. Por fim, nas considerações finais, será resgatada, de forma crítica e problemática, a pesquisa realizada, a partir dos materiais utilizados, propondo a continuidade dos estudos atingidos.

Desenvolvimento

Sabemos que há milhões de anos o homem vem evoluindo e desenvolvendo novas técnicas de sobrevivência, principalmente a sua capacidade de comunicação, a qual possibilita a sua integração no meio social. E a partir dessa inter-relação foi possível que o ser humano desenvolvesse a consciência com relação a si e a outro (consciência crítica). E, evidentemente, esta é uma característica peculiar que o distingue dos demais animais, conforme Cotrim (2006, p. 11): “[...] os homens não são apenas seres biológicos produzidos pela natureza. Os homens são também seres culturais que modificam o estado de natureza [...]”.

Sendo assim, pela sua capacidade de intervenção, proporcionada pela sua racionalidade e sensibilidade, o homem constitui-se como ser histórico, capaz de alterar, modificar a sua natureza, optando pela melhor maneira de viver.

Entretanto, para a maioria das pessoas, condicionadas a certos fatores, como a divisão de classes, determinadas circunstâncias parecem inalteráveis, não passam de meras utopias, de um mundo igualmente inatingível, pois assim encontram-se alienados à sua própria capacidade de pensar. Contudo, faz-se necessário ressaltar que a consciência humana, quando bem desenvolvida, é capaz de alcançar dimensões favoráveis ao bem comum, “[...] romper com boa parte do seu passado, questionar o presente e criar a novidade futura”. (COTRIM, 2006, p. 12).

Portanto, ao longo da história percebemos os indivíduos, homens e mulheres, como seres únicos, agentes transformadores de uma natureza mutável que requer a cada novo dia sujeitos comprometidos moral e eticamente, “[...] ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva, porque é capaz de amar”. (FREIRE, 1996, p. 41).

Ética: da sociedade que temos à que almejamos

Imprescindivelmente, antes de adentrarmos ao mundo da eticidade docente, cabe-nos fazer a seguinte pergunta: Que tipo de sociedade estamos formando hoje? Qual é a sua essência? Primeiramente, é importante ressaltar que vivemos numa sociedade fundamentada no capitalismo, que ocasionou a sua divisão em classes sociais, como nos aponta Freire (1996, p. 128): “[...] negação de nós mesmos como seres humanos submetidos à ‘fereza’ da ética do mercado”. As pessoas, aos poucos, estão perdendo a sua essência, tornando-se consideravelmente relativistas, ou seja, à parte de uma fundamentação, na qual os valores, virtudes verdadeiras, conduzem à prática do bem e da solidariedade humana.

Devemos considerar que esta característica da sociedade atual advém mais precisamente da modernidade, com o surgimento do capital e da mão de obra assalariada.

No sistema capitalista há uma separação entre capital (indústria, máquinas, ferramentas, matérias-primas, terras) e trabalho. Surgem, portanto, dois grupos: o trabalhador, que vive exclusivamente de seu trabalho, e o capitalista, dono dos meios de produção. (BURG; FRONZA; SILVA, 2013, p. D2-100).

A partir de então, com a revolução da indústria, ou seja, com a substituição da força humana pela força mecânica, o aceleração constante da produção e o crescimento do capital por parte da minoria, além da competição acirrada, o homem vive aprisionado à força dominante, assumindo-se, automaticamente, como objeto.

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade”. Falam de si como os que não sabem e do “doutor” como o que sabe e a quem devem escutar. (FREIRE, 2011, p. 69).

Assim, com a desvalorização do trabalho, o ser humano vive alheio à sua própria capacidade de transformar a realidade, a sua natureza. Logo, na imergência em que se encontram os indivíduos, o que era necessário à sobrevivência humana torna-se insignificante. As pessoas são valorizadas pelo que possuem, não pelo que são. “[...] é de fundamental importância a crítica à massa, porque é a personificação do anonimato. No anonimato perde-se a identidade, o que vale é o homem estereotipado, sendo fruto de modismos”. (TRASFERETTI, 2011, p. 13). O dinheiro que mascara o produto da força humana está substituindo o efetivo e incondicional por algo concernente e inconstante.

Partindo desse pressuposto, cabe lembrarmos de que, faz algum tempo, muitos de nós ouvíamos de nossos pais a seguinte frase: “Não jogue comida fora! Cuide do que é seu!” No entanto, esta moralidade clama urgentemente por um resgate; e isto fica evidentemente retratado diante das situações que são vivenciadas hoje.

E esta realidade nos remete à lembrança inesquecível de uma experiência, quando uma criança de apenas quatro anos, por não querer compartilhar um dos seus livros com o grupo, joga-o no chão. Entretanto, ao ser mediado pela educadora, que objetiva a sua reflexão acerca dos bons sentimentos, bem como do cuidado com tudo aquilo que está à nossa volta, independentemente de possuímos ou não, a criança responde: “Deixa, eu compro outro! Minha mãe tem dinheiro!”

Assim sendo, os indivíduos são influenciados fortemente pelo quesito de ter mais, condicionados principalmente pela *mídia* e pela *marca*. Permanecem numa ideia ilusória, a partir da qual visam desenfreadamente suprir os seus desejos mais profundos e individuais, mesmo que isto signifique ultrapassar suas próprias limitações e interferir negativamente na vida do grupo, bem como na sustentabilidade do planeta.

O dinheiro, mal distribuído e utilizado, está substituindo as relações afáveis por relações conflituosas. É nesse contexto que a violência avança nos patamares mundiais. Todavia, ao falarmos desta fereza, não estamos nos referindo especificamente às ações que ferem a carne humana, mas àquelas que dilaceram a integridade moral dos indivíduos, no que diz respeito à exclusão dos menos favorecidos, às injustiças e ao não suprimento das necessidades básicas, pois enquanto a maioria vive no luxo, a minoria sobrevive na miséria, conforme Freire: “[...] para os opressores, o que vale é *ter mais* e cada vez *mais*, à custa, inclusive, do *ter menos* ou do *nada ter* dos oprimidos.” (2011, p. 63, grifo do autor).

Deste modo, retomando tudo o que foi explicitado anteriormente, a relação entre homem, trabalho e sociedade, diante de situações tão gritantes, a cada novo dia nos damos conta

do quão indispensável é a reavaliação da nossa conduta, que nos conduza à prática do bem, da justiça e solidariedade. É preciso rever e reafirmarmos a moral que rege a nossa vida, tornando-nos seres comprometidos com “[...] a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optamos, na verdade, por um mundo de gente”. (FREIRE, 1996, p. 127). Assim, humanização e sustentabilidade andarão de mãos dadas, eternamente entrelaçadas.

Portanto, somente a partir da reflexão acerca de novos valores e virtudes, desenvolvimento da sensibilidade concomitante com a racionalidade, haverá uma sociedade fundamentada no bem comum (ética) e no amor. E esta idealização está muito mais perto de nós do que imaginávamos, pois está baseada numa *educação*, na qual a esperança e o trabalho, ação digna, sejam o ápice para a construção de um mundo melhor.

A ética no trabalho docente

Diante do contexto social no qual nos encontramos, o capital e as relações de poder por parte da minoria aumentam demasiadamente, estabelecendo as agressões físicas e morais à vida. Faz-se crucial destacar a importância do *compromisso ético docente*, visando uma sociedade emancipatória, cujos indivíduos lutem pelo bem comum, zelando por condições de vida favoráveis a todos os seres. Logo, essa essência, a partir da qual se estabelece um mundo melhor, inicia no primeiro contato do docente com seus discentes, na maioria das vezes, nos primeiros anos de vida destes.

Portanto, mesmo tão pequenos ainda, os educandos adentram ao mundo escolar, cada qual com sua história, dotados de características peculiares, que os tornam seres únicos e distintos. Por vezes, ao iniciarem esta nova etapa, apresentam mistos de medo, admiração e esperança no futuro; isto porque, para muitos, a escola é um refúgio e ao mesmo tempo a salvação para os seus problemas mais íntimos.

Assim sendo, este novo contato requer uma atitude de carinho, respeito e tantos outros valores por parte do educador, ante o imenso desejo de que os discentes desenvolvam-se integralmente, quanto à sua emoção, autonomia e consciência moral. “[...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem os educandos e à própria prática educativa”. (FREIRE, 1996, p. 141).

É neste âmbito que se constroem virtudes e se efetivam vínculos de relação mútua, troca recíproca entre os indivíduos que respeitam as diferenças e não as enfatizam. É nesse espaço tão importante, da sala de aula, que se inicia a formação de seres comprometidos moral e eticamente. E para tanto, necessitamos de educadores que também se assumam como tais:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes, como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógica progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica. (FREIRE, 1996, p. 120).

Primeiro espaço de transformação: o ambiente escolar

Com a mesma emoção e seriedade com a qual abordamos o comprometimento docente perante a ascensão social, justa e igualitária, trataremos da interação desenvolvida no espaço escolar, mais especificamente a sala de aula, capaz de promover a conquista de um mundo mais digno e humano. Logo, é atuando com amor, dedicação e esperança, desde a inicial relação com o educando, que selamos com a nossa responsabilidade ética. “Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo”. (FREIRE, 1996, p. 123).

Portanto, a partir do primeiro contato com a classe, perante seres tão diferentes e in-

dividuais, ou seja, únicos, envoltos nos mais diversos sentimentos, faz-se importante que o educador tenha consciência de que os educandos chegam à escola com uma história. Seria tão perigoso quanto desumano a ignorarmos, sendo que, muitas delas, representam exemplos de dor e superação.

Deste modo, em meio a estas particularidades que ocasionam as mais diversas emoções, faz-se essencial que o educador cultive a realidade de cada educando, respeitando o seu saber de experiência feito, conforme Freire (1996). Por conseguinte, explorando as vivências dos nossos educandos e, conseqüentemente, partilhando as nossas experiências com o grupo, estaremos diminuindo as barreiras que tanto separam os indivíduos na sociedade na qual nos encontramos.

Através desta prática, dialogando, ouvindo o outro, respeitando a individualidade e vencendo o individualismo, os sujeitos do processo educativo se tornam capazes de refletir, ou seja, pensar a própria existência, visando ao bem comum. Então, consideramos a reflexão como a capacidade de pensarmos de forma coerente, conscientes das nossas próprias ideias, bem como das opiniões alheias, conforme nos assinala Freire (1996, p. 38): “Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico”.

E, considerando a citação acima, de nosso consagrado Freire, a nossa relação com o educando não é mero repasse de informações, mas atividade recíproca, em que ambos experimentam a riqueza da troca de experiências e sentimentos. Com motivação, alegria e determinação, a reclusão cede lugar à autonomia e o autoritarismo à ação com liberdade e consciência. Assim, a partir do momento em que os discentes descobrem o valor da essencialidade, do amor, da reflexão e conseqüentemente da ação, tornam-se responsáveis por tudo aquilo que os cercam. Logo, encontrando-se com a felicidade, sentirão raiva de todas as situações que transgridam este sentimento.

Está errada a educação que não reconhece na justa raiva - na raiva que protesta contra as injustiças, contra a deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência - um papel altamente formador. O que a raiva não pode é, perdendo os limites que a confirmam, perder-se em raivosidade que corre sempre o risco de se alongar em odiosidade. (FREIRE, 1996, p. 40).

Assim, acreditamos que somos seres condicionados, principalmente dentro do espaço escolar, pois há uma hierarquia diretiva, na maioria das vezes, favorável às situações sociais às quais nos encontramos. Porém, a verdade é que um mundo melhor parte de “[...] educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes”. (FREIRE, 1996, p. 26). A sociedade que almejamos, então, adquire força na relação desenvolvida no espaço escolar, logo, a diferença ultrapassa os limites da indiferença, e a transformação social pela qual lutamos, mesmo que às vezes lentamente, se faz.

Do espaço escolar para o mundo

Conforme o que foi apresentado no início dessa pesquisa, e diante das situações que muitos vivenciam e observam, como a miséria e as injustiças, compreendemos a sociedade a partir do trabalho que cada educador poderá desenvolver no âmbito da educação, contribuindo com o mundo que almejamos. Logo, é através da ação de todos os sujeitos que passaremos da utopia à realidade.

Conseqüentemente, toda a ação, trabalho digno desenvolvido pelos educadores, desde a atitude mais simples, determinará o sujeito que desejamos formar. Portanto, não fazemos nossa

a intenção de avançar na amplitude do comportamento ético docente, pois nos reconhecemos como seres inconclusos, que, quanto mais aprendem, tanto mais têm a aprender. “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele”. (FREIRE, 1996, p. 53). Entretanto, cabe-me enfatizar com a veemência da minha esperança e amor à docência, que pequenos gestos e atitudes se tornam decisivos à construção dos sonhos possíveis.

Logo, nos dispomos a fazer a seguinte pergunta: Se você, caro leitor, está andando apressadamente na rua e alguém lhe pede ajuda, seja qual for, o que você faz? Certamente, muitos continuam o seu percurso, como se fossem o único ser no planeta, pois a existência do outro lhe é alheada. Todavia, há aqueles que reconhecem a sua participação no mundo, demonstrando exemplo de comprometimento e bondade. E sabe onde se efetivou este sentimento grandioso? Isso mesmo, no espaço escolar.

Assim, é fixando os olhos no educando, ouvindo e mediando-o à reflexão, demonstrando-lhe afeto, humildade, sinceridade e seriedade, ou seja, proporcionando o desenvolvimento dos bons sentimentos e valores, que contaremos com um ser humano capaz de atentar para o chamamento do outro, muitas vezes, esquecido e relegado. “Os educadores são escultores da emoção. Eduquem olhando nos olhos, eduquem com gestos: eles falam tanto quanto as palavras”. (CURY, 2003, p. 125).

Conseqüentemente, a partir do momento em que somos capazes de olhar o outro, com amor e cuidado, mesmo que este esteja bem vestido ou maltrapilho, seremos igualmente tão capazes de pensar a ética justaposta à sociedade excludente na qual nos encontramos.

Gostaria de deixar bem claro que não apenas imagino mas sei quão difícil é a aplicação de uma política do desenvolvimento humano que, assim, privilegie fundamentalmente o homem e a mulher e não apenas o lucro. Mas sei também que, se pretendemos realmente superar a crise em que nos achamos, o caminho ético se impõe. Não creio em nada sem ele ou fora dele. (FREIRE, 1996, p. 131).

Entretanto, embora cientes do nosso compromisso ético, muitos educadores vivem a face mascarada da injustiça, na grande maioria das vezes, descrentes da sua própria capacidade de transformação na esfera educativa. Não nos desanimemos! Lutemos até o fim, estimulando os sonhos e a vontade de sonhar: “Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar”. (FREIRE, 1996, p. 144).

Deste modo, compreendemos que a transformação social é mediada pelo processo educacional, a partir do juramento do educador diante da sua profissão, afirmando-se moral e eticamente. Finalizando o discurso, caros docentes, lembremo-nos de que o belo reside dentro de cada um de nós, basta uni-lo com a honestidade que move a nossa prática pedagógica.

Considerações finais

Ao término da pesquisa realizada, a partir da reflexão das obras exploradas, foi possível a análise e, conseqüentemente, a compreensão dos problemas sociais que a grande maioria dos indivíduos vem enfrentando, como as injustiças e a violência. Entretanto, conforme o objetivo deste trabalho, damos-nos conta de que os sonhos de uma sociedade justa, igualitária e solidária não estão e muito menos estarão enterrados, enquanto os educadores afirmarem-se eticamente.

A partir das ideias dos autores envolvidos nesse contexto dialógico, principalmente considerando os pressupostos de Freire, concluímos que o educador, ante a sociedade que temos, exerce um papel fundamental na constituição dos educandos, contribuindo com o desenvolvimento integral destes, ou seja, emocional, moral e racional. Assim sendo, diante do condiciona-

mento no qual a maioria dos indivíduos se encontra, onde houver um educador comprometido com o processo educacional, tanto mais haverá conscientização e libertação. Logo que descobrimos os valores que regem a nossa prática pedagógica, tão brevemente nos deparamos com a dimensão do nosso trabalho, na formação de sujeitos conscientes, solidários e justos, capazes de amar e, em favor do amor, lutar contra a infelicidade da humanidade, causada pela miséria e iniquidades.

Portanto, após a realização dessa pesquisa, que supõe a sua extensão, por tratar-se de uma ação transformadora, conclui-se que, embora a educação esteja à face de uma ideologia dominadora, cada educador responsável, mesmo que isso pareça impossível, é capaz de romper com a sociedade. Lembremo-nos sempre, desde o nosso juramento, que temos o dever de alimentar os sonhos de um mundo melhor, pois com dedicação, racionalidade, amor e humildade, da utopia passaremos à realidade.

Referências

BURG, Silvana Montibeller; FRONZA, Silvio Luiz; SILVA, Thiago Rodrigo da. **Fundamentos do processo educativo no contexto histórico-filosófico**. Indaial: Grupo Uniasselvi, 2013.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história e grandes temas**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; SILVA, Everaldo da. **Metodologia do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2012.

TRASFERETTI, José. **Ética e responsabilidade social**. 4. ed. Campinas: Alínea, 2011.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: [NOVO] PARADIGMA QUE CONTRIBUI COM A PRATICIDADE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Distance learning: new paradigm contributing with practical knowledge construction

Marilene Izidoro Honorato do Nascimento¹

Sara Freitas¹

Resumo: A educação a distância, modalidade de ensino adotada no século passado, vem se tornando uma necessidade educacional para o mundo moderno. Devido ao atraso e à má formação docente na qualidade do ensino presencial em todos os níveis educacionais e a correria do cotidiano, muitos cidadãos procuram a educação a distância para aprimorar seus conhecimentos e garantir uma formação de nível superior. Com o advento e o crescimento vertiginoso de novas tecnologias e a grande maioria das classes sociais com acesso às mesmas, faz também com que a procura por essa modalidade de ensino seja cada vez mais intensa. Portanto, é uma questão primordial disponibilizar um ambiente virtual interativo que possa promover a intervenção do acadêmico com o conteúdo didático presente no AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). Percebe-se que o EAD (Ensino e Aprendizagem a Distância) vem avançando e inovando as suas ferramentas tecnológicas para provocar no discente o estímulo para uma aprendizagem de qualidade, o que pode ser observado pelos mais interessados: os discentes, que devem ter claro o compromisso e a responsabilidade para um bom andamento da sua própria aprendizagem. Isto depende de formas atitudinais e ações que o próprio acadêmico busca para a sua formação, e o objetivo da instituição é buscar constantemente os melhores recursos e ações metodológicas que envolvem o planejamento de ensino, a superação das barreiras impostas por aqueles que não apostam na qualidade e no bom andamento do ensino a distância.

Palavras-Chave: Educação. Conhecimento. Tecnologia

Abstract: The distance education modality of Education adopted in the last century, has become an educational need for the modern world. Because of the delay and poor quality of teacher training in classroom teaching at all educational levels and the daily run, makes many citizens seek distance education to improve their knowledge and ensure a higher level of education. With the advent and rapid growth of new technologies, and the vast majority of social classes with access to them, also makes the demand for this type of education is increasingly intense. So it's a major issue provide an interactive virtual environment that can promote the involvement of the academic with the educational content present in the VLE (Virtual Learning Environment). It is noticed that the EAD (Education and Distance Learning) is advancing and innovating its technological tools to bring in students the stimulus for quality learning, which can be seen by most stakeholders: the students, who must have clear commitment and responsibility to a good progress of their own learning, this depends on attitudinal forms and actions that the academic own search for their training; and the purpose of the institution, which is constantly seeking the best resources and methodological actions involving the teaching of planning, overcoming the barriers imposed by those who do not bet on quality and smooth running of the school from a distance.

Keywords: Education. Knowledge. Technology.

Introdução

A educação a distância (EAD) vem sendo uma forma que as pessoas encontraram para realizar seus sonhos e perspectivas de vida, procurando encontrar nas universidades uma maneira de buscar conhecimentos e adquirir confiança para ingressar no mercado de trabalho.

Isto vem crescendo de forma vertiginosa, pois atende à grande demanda por educação superior inicial e continuada de nosso país, à medida que as portas vão se abrindo para atender as pessoas que não tiveram condições de frequentar a escola. Além disso, esse público passa a ter a oportunidade de um conhecimento inovador, permanente e gerado em grande quantidade

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniassearvi.com.br

e em uma velocidade muito rápida, de forma sistêmica, cotidianamente.

A EAD é uma instituição mantenedora e inovadora de ensino, que a cada dia está agregando um conjunto de recursos tecnológicos mediados para possibilitar aos acadêmicos novas formas de fazer educação. A educação a distância possibilita maneiras de pensar, trabalhar, pesquisar, educar e proporcionar ao aluno maior autonomia e autenticidade de conhecimentos. Dessa forma, poderão flexibilizar seus estudos, gerando uma relação de proximidade entre o corpo discente e docente, tendo como objetivo principal uma aprendizagem interativa e cooperativa, sempre priorizando a pesquisa e o diálogo para a construção de novos conhecimentos.

Atualmente, o computador e a internet estão contribuindo para aumentar as possibilidades comunicativas entre os estudantes, professores e tutores, com o uso do correio eletrônico, dos fóruns e das listas de discussões, dos ambientes virtuais de aprendizagem e outros. O AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem) é um ambiente que promove a mediação do conhecimento, através de diversas formas que codificam as mensagens pedagógicas, respeitando as características técnicas e as peculiaridades de cada instituição. No entanto, a internet está permitindo que a comunicação ocorra de forma simultânea, o que é possível através das salas de bate-papo, das videoconferências e teleconferências.

Utilizar as mídias como ferramentas pedagógicas significa “mediatizar” as mensagens educativas, ou seja, adequar e traduzir o conteúdo educacional de acordo com as “regras de arte”, “as características técnicas e as peculiaridades do discurso do meio técnico escolhido. (CRUZ, 2007, p. 29).

Na medida em que as tecnologias foram sendo desenvolvidas, a EAD as incorporou de modo mais ou menos imediato. A busca em proporcionar o acesso ao conhecimento às pessoas geograficamente distantes do centro de ensino, ou qualquer outro impedimento para frequentar a escola presencial, fez com que fossem utilizados todos os recursos tecnológicos existentes. Esses recursos viabilizam a troca eficiente de informação, a comunicação multidirecional e a crescente interatividade entre os alunos, corpo docente, tutoria e administração do curso. Dessa maneira, a EAD está profundamente relacionada aos meios de informação e comunicação, sejam eles os meios de comunicação de massa ou não. Quem está ganhando com isso é o aluno de curso a distância, pois o grau de interatividade está cada vez maior.

O professor que se atualiza com os meios tecnológicos atua com mais viabilidade dentro do processo de aprendizagem do educando. Este, por sua vez, sente-se mais autônomo e motivado a aprender do que se ficar somente no método convencional. Temos que nos aperfeiçoar conforme as mudanças do nosso dia a dia.

A interação acontece entre os sujeitos que estão em busca de conhecer algo novo, e isto pode ser mediado pela interatividade de algum meio tecnológico e, assim, a aprendizagem vai assumindo seus contornos e chegando aos caminhos já traçados.

A interação pode ocorrer de forma síncrona e assíncrona, caracterizando o que é denominado na literatura como aprendizagem colaborativa e cooperativa. Este tipo de interação desenvolve o senso crítico e a capacidade de trabalhar em grupo, desenvolvendo no aluno a sensação de pertencer a uma comunidade virtual. (MATTAR, 2009, 113)

A mediação pedagógica ocorre quando o professor busca sua atualização e o comprometimento com a educação; sendo assim, ele coloca suas ações como um meio facilitador, incentivador e motivador da aprendizagem, fazendo um elo entre o aprendiz e sua aprendizagem. Masetto (2000, p. 132) ainda sugere a “mediação pedagógica como fundamento para que se

realize significativamente o processo de aprendizagem a distância”.

Novos paradigmas entre a tutoria e as NTIC (novas tecnologias da informação) em ambientes virtuais de aprendizagem

Existem algumas ações necessárias por parte do professor, como: sempre disponibilizar tempo e um ambiente criativo que envolva o olhar do acadêmico para conhecer o ambiente virtual, colocar mensagens de incentivo no *site*, pedir que deem um “ok” de mensagem recebida para sempre estreitar laços com os alunos e haver a segurança de que o acadêmico recebeu a mensagem.

O professor deverá aproveitar o momento para deixar bem definida a apresentação do curso, seus objetivos e outras informações que julgar necessárias. Desde o começo, deixar bem claras as suas propostas de ensino, o que espera dos alunos, os critérios de avaliação e as correções de atividades de aprendizagem. O aluno que é cobrado sente-se mais interessado, porque prevê que o curso vai ser de qualidade e, com certeza, será um bom investimento de seus custos.

O professor deve sempre priorizar o envolvimento de todos com o conhecimento, fazer os acadêmicos participarem e estarem sempre ativos no processo.

Todo ambiente de aprendizagem, principalmente quando é virtual, deve ser interativo e instigar a participação ativa e significativa dos alunos. Crie sempre um ambiente que desperte o interesse, seja formidável em suas ações, pois não basta fazer, é preciso saber fazer. Quando estiver criando suas aulas, pense nesse lema.

Estabeleça pontos por participações, isso dá um gás e desperta o interesse de muitos acessos. Seja breve, objetivo e claro no tema de discussão no fórum, assim o aluno se sente mais solto para participar, abrir enquetes de concordar ou discordar sobre temas discutidos em aula. Promover atividades com pontuação aguça o interesse de pensar para responder, sempre fazendo comentários positivos ou elogios aos que participam dessas atividades.

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não luta pelos ideais e não é capaz de amar os seres inacabados, não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer na educação quando se ama. (FREIRE, 1993, p. 28-29).

O professor deverá ser um apaixonado pelo que faz, assim não encontrará barreiras em seu caminho para levar sempre as novas descobertas e atualizações. Isso só faz o nosso desejo aumentar a cada dia, estamos sempre na zona de desenvolvimento proximal, buscando nos aperfeiçoar para passar sempre algo novo às pessoas que buscam em nós conhecimentos. É nosso compromisso estar nos atualizando sempre em torno das novas tecnologias. A tecnologia é recurso muito bem aceito em nosso meio, ajuda-nos a quebrar paradigmas e preconceitos e a libertar-nos da caverna, como diz Platão. Dessa forma, será possível fluir nos horizontes do conhecimento por meio virtual.

Competências e saberes necessários para atuar na EAD: as múltiplas funções do tutor

Vivemos num mundo em que as transformações científicas e tecnológicas estão a cada dia crescendo muito aceleradamente, e nisto a educação também não fica para trás. As pessoas querem economizar tempo e procuram a EAD como sendo uma saída para muitos dos que não

podem se deslocar do local de trabalho diariamente para frequentar um curso, por exemplo, para ir até uma instituição presencial.

Com isso, os professores têm que estar preparados para a inovação tecnológica e suas ações pedagógicas, e também para a formação continuada, sempre inovando seus conhecimentos numa perspectiva de capacitação ao longo do processo. É indispensável uma sólida formação inicial adequada aos novos tempos. Os conhecimentos hoje adquiridos, devido aos avanços tecnológicos, ocorrem com uma rapidez nunca vista e tornam-se obsoletos em pouco tempo, necessitando de atualizações, de novas aprendizagens.

De acordo com Masseto (1998), as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, em consequência do crescente desenvolvimento tecnológico, farão com que os cursos superiores revejam seus métodos. Em decorrência disso, surgem novas formas de ensinar e aprender, baseadas no uso intensivo das NTIC nas instituições presenciais e, principalmente, na EAD. Com isso, surgem também novos papéis e novas competências que tanto alunos quanto professores devem adquirir e desenvolver.

Além dos professores, atuam também na área da educação os administradores, os planejadores, os supervisores, os orientadores educacionais e, acompanhando a tendência que está surgindo, os educadores. A situação desses profissionais é a mesma dos demais trabalhadores que atuam nas mais diversas ocupações, portanto a sua educação tem que ser pensada também como processo “permanente, dinâmico e progressivo”.

O professor, seja na educação a distância, seja na educação presencial, é a peça dinâmica para que haja aprendizagem participativa em todos os níveis do conhecimento, e para que as ações metodológicas possam ser multiplicadas em funções de transformação social. Afinal, a educação é uma prática social. Segundo Paulo Freire (1993), ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho, as pessoas se educam em comunhão. Falar em comunhão é pensar em educação como uma prática social de cooperação e não de competição. É preciso estimular práticas cooperativas entre os educandos, garantindo socialização de saberes entre os educandos e não apenas na educação receptiva centrada no professor.

As principais diretrizes teóricas da educação da chamada sociedade da informação permitem desenvolver vários níveis de competências no professor:

A competência no conhecimento: o professor deve usar métodos que transformem a informação em conhecimento e deve fazer o aluno assimilar o conteúdo com clareza e veracidade.

Trabalho interdisciplinar e colaborativo: o professor deve ministrar suas aulas de forma ampla e global, sempre oportunizando temas condizentes à realidade do educando e proporcionando a pesquisa através do diálogo entre o educando e o educador.

Autoaprendizagem: o professor deve estar sempre se atualizando e consciente da importância de sua formação continuada.

Conhecimento sobre as novas formas de desenvolvimento cognitivo do aprendente, sempre influenciado pela mídia.

Competência na comunicação: o professor deve conhecer as competências na comunicação através das diferentes linguagens (oral, escrita, áudio, vídeo, gráfica, multimídia etc.).

Utilização das novas tecnologias: o professor deve saber utilizar os meios tecnológicos de forma consciente, sempre priorizando as necessidades dos alunos e propiciando um trabalho cooperativo que traga a troca de experiências. Espera-se que seja criativo para a exploração de novos conhecimentos.

Estímulo ao pensar crítico: não basta somente o aluno saber a informação, ele precisa ter uma função social e a habilidade para saber onde poderá aplicar o conhecimento que adquiriu. É função do educador nortear o aprendizado do educando.

Percebe-se que são de fundamental importância **as três dimensões da prática do professor:**

Pedagógica: deve atuar com práticas incentivadoras que dinamizem o grupo com a finalidade de desenvolver projetos com pesquisas que visem uma aprendizagem autônoma.

Tecnológica: deve conhecer o elo entre as relações tecnológicas e a educação, abrangendo todos os níveis (avaliação, produção de materiais, estratégias de uso etc.).

Didático: deve ter formação específica em determinado campo científico e a necessidade constante de buscar atualização sobre a área em que está atuando, a fim de não se alienar do processo de desenvolvimento da aprendizagem, tanto do aluno quanto do seu próprio conhecimento.

A função pedagógica faz-se necessária num ambiente social, pois o professor passa a ser a mola mestra do processo do conhecimento. Dessa forma, garantirá um ambiente educacional onde ocorra a participação social entre todos os envolvidos, tanto no processo presencial como no ambiente *on-line*. Com a utilização dos ambientes virtuais de aprendizagem o professor deve ser um articulador que traga o diálogo através da escrita e a interação entre as comunidades virtuais.

Os professores precisam criar estratégias novas para a aprendizagem na EAD e fazer com que o aluno crie certa relação entre a aprendizagem escrita e a *on-line*, reforçando o novo paradigma de que o ensino também poderá ser buscado e internalizado de forma *on-line*. Com isso, o professor deverá estar bem atualizado e pautado entre as duas vertentes de ensino, teórica e *on-line*.

“Usar a tecnologia para aprender exige mais do que conhecer um *software* ou do que se sentir à vontade com o *hardware* utilizado”. (PALLOFF; PRATT, 2002, p. 109).

A função social é a de inserir o aluno no processo educativo, facilitando o acesso aos espaços de convivência, aos aspectos pessoais e sociais da comunidade *on-line*. Através desta relação, o professor deve criar várias maneiras de aprendizagens, compostas por várias pessoas em grupo. Assim, o objetivo de aprimorar o conhecimento vai tomando uma dimensão muito grande e a sensação de participação entre os mesmos se torna gratificante e gera um estímulo para se fazer mais. Isto acontece quando há uma mediação pedagógica com função social e adequada aos interesses do grupo, sempre visando chegar a um objetivo almejado.

Algumas características para atuar na modalidade de ensino devem ser pautadas nas novas metodologias, com diálogos e sempre focando atividades que tragam a reflexão grupal e tracem a transformação das práticas educativas. A avaliação da aprendizagem deve ser formativa e permanente.

Deve-se partir sempre da realidade do educando, com o objetivo de formar alunos que tenham visão crítica com vistas às transformações sociais da realidade que os cerca.

Promover a inserção do aluno, ler o material e confrontar suas opiniões acerca dos materiais didáticos que lhe são oferecidos. “Atitudes de conformismo e relações de dependência destroem a possibilidade real de a pessoa ser sujeito, entendido isso como o processo de participação nas decisões, a análise crítica e a criatividade social”. (GUTIERREZ; PIETRO, 1994, p. 51).

Muitas unidades de EAD usam os meios de comunicação, como a TV, o rádio e o vídeo, somente como uma fonte de informação de mensagens a receptores. Percebemos que o foco principal desta aprendizagem é promover uma forma que intensifica o diálogo e a ressignificação do conteúdo transmitido, com o objetivo de internalizar o conhecimento.

Espera-se que o professor promova processos com metas para alcançar resultados, sempre traçando caminhos que levem ao sucesso do ensino-aprendizagem.

A fundamentação da aprendizagem deve se pautar na produção de conhecimentos, e isto

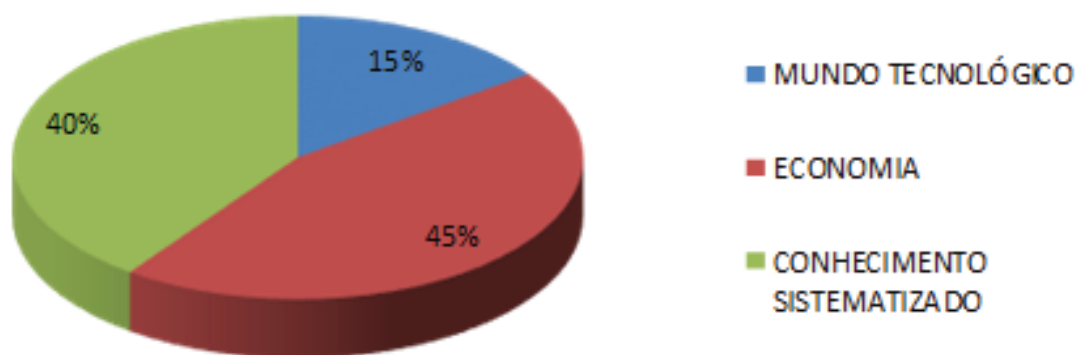
deve ocorrer como um ciclo vicioso, no qual o ato de aprender coincide com o ato de produzir conhecimento.

Os materiais devem ter uma apresentação lúdica, prazerosa e bela, para que o educando sinta vontade de descobrir o que está dentro do livro, como num processo imaginário e fantástico. Cabe ao tutor provocar o encantamento do educando e articular em seus questionamentos a vontade de descoberta.

O professor deve ser um agente pesquisador de sua própria ação e deve sempre planejar suas metodologias pensando no desenvolvimento de uma atitude de pesquisador. Só assim instigará seu aluno a ser um pesquisador à procura de novas descobertas, e assim o ensino não fica pautado somente em transmissão de conhecimentos e, sim, em novas possibilidades de busca de conhecimentos, tornando transformações empíricas em científicas. Segundo Gutierrez e Pietro (1994), estas são atitudes essenciais para qualquer professor, seja ele do ensino presencial ou na educação a distância.

As competências do tutor deverão seguir saberes de formação profissional, saberes disciplinares, saberes experienciais. A grande habilidade do tutor é planejar bem suas ações e acompanhar e avaliar ativamente os alunos no processo de seu desenvolvimento. O incentivo é fundamental para que os alunos se sintam motivados. Sempre sabendo lidar com o heterogêneo, o tutor deve ter liderança, cordialidade e sempre ter a capacidade de ouvir as angústias e as dúvidas que seus alunos trazem para os encontros presenciais.

A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA CRESCE DE FORMA VERTIGINOSA



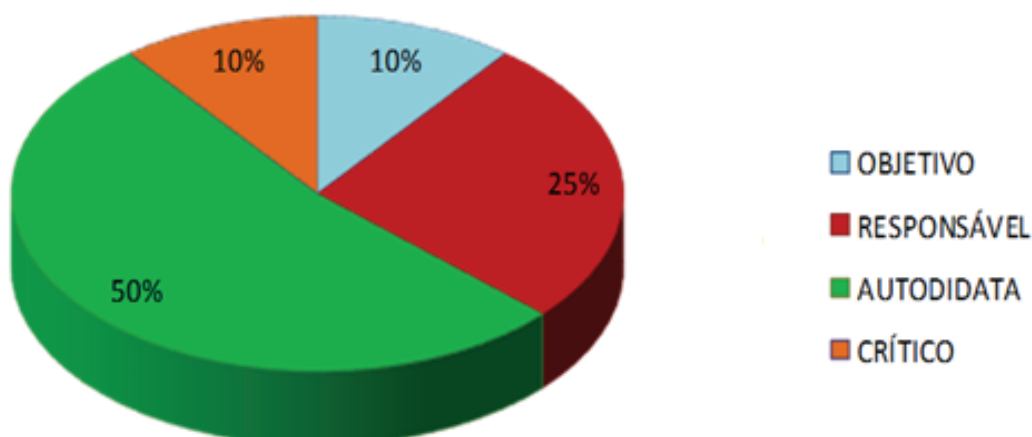
Fonte: A autora, 2014.

As três funções dimensionais do tutor são: saber usar o seu tempo com habilidade e ter muita clareza em seus objetivos, em suas explicações, saber usar as oportunidades e sempre desafiar os alunos à resolução de problemas, para que eles possam chegar a uma compreensão global e não parcial da construção do conhecimento.

Nossa pesquisa de campo teve como subsídios entrevistar alunos e professores do ensino a distância.

Graficamente veremos os resultados:

TIPO DE ALUNO QUE A EAD FORMA



Fonte: A autora, 2014.

O gráfico mostra porque a educação a distância cresce muito em todo o país: 15% responderam que o tempo é fundamental nesse mundo tecnológico; 45% ressaltaram a questão econômica, que reduz custos e o ensino é o mesmo, com qualidade, quando se trata do compromisso e responsabilidade do educando; e 40% afirmaram que o conhecimento se torna sistematizado e objetivo e que essa clareza é mais viável para a aprendizagem.

A pesquisa mostrou o porquê do sucesso da EAD. Para os entrevistados, a formação do aluno se dá de forma integral; 10% responderam que o aluno começa a aprender a objetividade na realização de suas tarefas, isso mostra ao mercado de trabalho muita agilidade, clareza e responsabilidade; 25% afirmaram que o aluno se planeja através dos cronogramas ao longo do curso e se torna autodidata; e 50% responderam que o aluno organiza e agiliza seu tempo de estudo em casa e no polo.

Considerações finais

Acreditamos que o princípio traçado tange caminhos iluminadores de experiências e conhecimentos, por isso que a educação a distância vem crescendo ao longo dos anos. Isso só faz provar a grande credibilidade e veracidade dos cursos oferecidos, mostrando que se pode apostar com firmeza na era da inovação tecnológica e científica, e, acima de tudo, que o educando pode ser o agente ativo na construção de seu próprio conhecimento, em busca de novas transformações.

Sabemos que a educação a distância ainda é alvo de preconceito para muitas pessoas, que só enxergam uma aula fechada com um professor entre quatro paredes, e priorizam o conhecimento dessa forma. Viemos para quebrar paradigmas e trazer o conhecimento de forma inovadora com o ambiente AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), que nos traz muito conhecimento e interação com os chats, *quizzes* e fóruns de discussão, trazendo a praticidade e o elo de ligação entre o professor e o aluno. Nossos educandos estão a cada dia mais preparados para o mercado de trabalho e não têm medo de enfrentar desafios e vencê-los. Isto só acontece porque estamos formando cidadãos conscientes, críticos, autênticos, autônomos e donos de sua própria história.

O lema de nossa instituição nos passa essa segurança e, ao mesmo tempo, a autonomia de ir em busca de novos ideais, quando lemos “**Não basta fazer, é preciso saber fazer**”. A cada dia ficamos imbuídos de buscar alternativas e melhorias com nossas ações pedagógicas, para

que as aulas possam servir de suporte e que levem o aluno a ser um agente de pesquisa e busca de soluções para nossos anseios educacionais. Precisamos de professores comprometidos com a educação, com a construção e reconstrução do conhecimento.

Atualmente, o aprender novos conhecimentos não se restringe só aos bancos escolares, aprende-se em todos os lugares, seja sozinho ou pelos mais diversos meios de tecnologias existentes. É uma forma que veio para abranger todas as classes sociais, inclusive as de baixa renda, que possuem um sonho de ter formação superior e atuar como profissional habilitado. Essa forma de estudo não está ligada somente aos planos presenciais de ensino, mas sim a todas formas de instrução, com um planejamento adequado, com pessoas capacitadas para atender a quaisquer necessidades surgidas nesta era da informação.

Pela própria dinâmica do processo, a interação entre alunos e professores é indireta e tem de ser mediatizada por uma combinação dos mais adequados suportes técnicos de comunicação, e o que torna essa modalidade de educação nem mais dependente da mediatização que a educação convencional, de onde decorre a grande importância dos meios tecnológicos. (BELLONI, 2003, p. 54)

A EAD é um elo entre todos os agentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, desde o corpo administrativo até o corpo docente, para que todos possam estar afinados e planejados para que haja a construção de um conhecimento interativo, participativo e inovador do acadêmico.

Valente (2003) afirma que a educação a distância só se concretiza com o alcance de um verdadeiro processo de comunicação, por meio de uma efetiva mediação pedagógica, que garanta a superação da unidirecionalidade, a modificação da relação emissão/recepção, gerando uma relação dialógica e possibilitando a cocriação do conhecimento [...]

Em suma, podemos perceber que a educação a distância, historicamente, vem crescendo vertiginosamente, e que a demanda nos tempos atuais é cada vez mais quantitativa. Isso nos faz engrandecer com os benefícios que a EAD nos proporciona.

Como percebemos, a educação a distância está bem avançada no meio universitário. A praticidade com que a EAD é estruturada facilita o ingresso ou reingresso de muitos nesta modalidade de ensino.

Os encontros presenciais (uma vez por semana), o baixo custo, a qualidade do material pedagógico (gratuito), a dedicação de todo corpo administrativo e pedagógico e o sistema AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), os instrumentos de avaliação, são características importantes que incentivam os acadêmicos a ter uma motivação para ingressar no Ensino Superior. Um outro dado importante que podemos pontuar é a questão da INCLUSÃO. Muitos acadêmicos, até então fora do ambiente estudantil há muito tempo, sentem-se valorizados e, talvez, realizando um de seus grandes sonhos, que é concluir o Ensino Superior.

Com isso, a EAD de nível superior vem crescendo sistematicamente nesse mundo moderno, onde cada vez se esperam mais respostas rápidas, com conhecimento de causa e competência para acompanhar as diversas transformações.

Referências

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2003.

CRUZ, D. M. A produção audiovisual na virtualização do ensino superior: Subsídios para formação docente. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 8, n. 2, p. 23-44, jun.2007.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

GUTIÉRREZ, F.; PRIETO, D. **A mediação pedagógica**: educação a distância alternativa. Campinas: Papirus, 1994.

MATTAR, J. Interatividade e aprendizagem. In: LITTO, F.M.; FORMIGA, M. M. M (org.). O estado da arte. São Paulo: Person Education do Brasil, 2009. p. 112-120.

MEDIANO, C. M. **Los sistemas de educación superior a distancia**: la práctica tutorial en la UNED. Madrid: UNED, 1998.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M. São Paulo: Papirus, 1998. p. 134.

MASETTO, M. T.; BEHERENS, M.A. **As novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000. p. 133-173.

PALLOFF, R.; PRATT, K. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VALENTE, V. R. Educação a distância: repensando o fazer pedagógico. In: ALVES, L; NOVA, C. (Org.). **Educação e Tecnologia**: Trilhando caminhos. Salvador: Ed. UNEB, 2003. p. 49-54.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Inclusive Education

Ana Paula Soares¹
Juliana Nogueira Luiz da Silva¹
Samanta Colossi¹
Adriana Souza da Silva¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é promover a consciência da importância da Educação Inclusiva nas escolas, e da inclusão social em toda a sociedade. Uma escola que pratica a inclusão vai promover igualdade e cidadania a todos os envolvidos no contexto escolar e será um agente importante no processo de construção de uma sociedade justa e igual. A educação inclusiva ainda tem um longo caminho a percorrer, e precisa de apoio e dedicação para ocorrer de forma efetiva e objetiva na vida dos alunos especiais e de toda escola. A trajetória da Educação Inclusiva nos leva a refletir sobre as resistências existentes com o passar dos anos em aceitar as pessoas com diferenças que não poderiam viver normalmente em sociedade. Esta é uma situação que está mudando com o passar dos anos, com as leis e com as mudanças nas mentalidades das pessoas. O êxito da inclusão somente acontecerá com a conscientização e vontade efetiva de todos os que estão inseridos no processo.

Palavras-chave: Inclusão. Igualdade. Educação.

Abstract: The objective of this work is to promote awareness of the importance of Inclusive Education in schools, and the social inclusion in society as a whole. A school that has been practicing the inclusion will promote equality and citizenship to all involved in the school context, and will be an important agent in the process of building a society that is fair and equal.

Keywords: Inclusion. Equality. Education.

Introdução

O trabalho apresentado abordará o tema Educação Inclusiva, analisando por diferentes ângulos todo o processo de inclusão que a sociedade e as escolas estão percorrendo.

A inclusão social é uma realidade que vem acontecendo de forma gradativa e vem tomando seu lugar na sociedade. Muitos profissionais, órgãos e instituições vêm lutando pela tão sonhada igualdade e justiça nos atendimentos pedagógicos e terapêuticos. Os alunos especiais e suas famílias dependem da dedicação e cuidado dos profissionais da educação e da saúde, tornando fundamental o apoio e o suporte que o governo e as instituições devem prestar a eles.

Os alunos e suas famílias esperam e merecem uma educação de qualidade e igualdade no processo de ensino-aprendizagem.

Este trabalho proporcionará conhecimento e clareza nas áreas e fatos que são pertinentes à educação inclusiva e à inclusão social na sua totalidade, promovendo o melhor discernimento dos papéis que cada um da sociedade deve desempenhar para a busca da cidadania e da justiça social, refletindo em uma sociedade mais igual, onde todos os seres humanos são valorizados e possuem direitos iguais.

Fundamentação teórica

As pessoas com necessidades especiais, ao longo dos tempos, foram vistas pela so-

¹ Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

cidade de várias maneiras e sob diferentes enfoques, ou seja, foram consideradas conforme as concepções de homem e de sociedade, valores sociais, morais, religiosos e éticos de cada momento histórico. (SILVEIRA, 2011, p. 4)

A educação inclusiva tem tido grande enfoque na atualidade e nos deparamos cada vez mais com a prática da inclusão nas escolas, na sociedade, no mercado de trabalho, na mídia e muito mais. Obviamente tem muito que ainda ser conquistado mas é gradativo o processo de inclusão social e escolar.

A história da inclusão é marcada por lutas, obstáculos e conquistas, em que sempre foi presente uma sociedade que procura a perfeição, a boa aparência e status, na qual pessoas diferentes não conquistam facilmente seu espaço.

Educação inclusiva é uma prática que ainda não ocorre de maneira generalizada, pois nessa área ainda existem carências, falta de incentivo, profissionais não preparados ou aptos para a função pedagógica inclusiva, resistência, entre outros obstáculos. A educação inclusiva necessita de apoio político, pedagógico, social e familiar, para acontecer de forma efetiva e eficiente.

As escolas não podem ter ideias e procedimentos limitados. Elas devem ser o lugar onde se promova não apenas o conhecimento, mas também, e primeiramente, onde se promova a cidadania, igualdade, integração e inclusão.

É necessário percebermos a mudança que já está ocorrendo em nossos sistemas de ensino e que, conseqüentemente, influencia a sociedade como um todo. Preparar-nos e preparar os alunos para a convivência harmoniosa e respeitosa uns com os outros é o importante papel da escola inclusiva (SILVEIRA, 2011, p. 13)

Uma escola deve sempre estar aberta e preparada para receber alunos de diferentes culturas, realidades e histórias de vida. A equipe gestora, professores e funcionários têm como dever, receber e atender da melhor maneira todos seus alunos, e em especial seus alunos que necessitam de cuidados especiais. Toda a equipe escolar e comunidade devem estar preparadas e preocupadas em promover a inclusão, pois só veremos uma inclusão plena, com o apoio de todos.

A equipe gestora necessita sempre promover a formação continuada dos professores e demais profissionais, para atender com excelência os alunos especiais.

Assim, a inclusão escolar deve negar toda a prática de exclusões e de segregações que as pessoas com deficiência passaram durante muito tempo e definir alguns padrões sociais que, anteriormente, eram considerados comuns e que, atualmente, foram substituídos por outros como aceitação, valorização, convivência e aprendizagem através da cooperação. (ANTUNES, 2011, p. 3)

Inclusão não é apenas colocar o aluno especial dentro da sala de aula, mas sim torná-lo integrante e envolvido em todo o contexto escolar, não visando apenas às dificuldades e obstáculos, mas dando atenção a todo o processo de ensino-aprendizagem, preocupando-se com a inclusão e integração de todos os alunos.

Todo o corpo docente precisa estar alinhado com suas propostas pedagógicas e buscas por melhorias no que diz respeito à estrutura física e pedagógica de toda a escola. Um ambiente escolar precisa estar adaptado para atender com dignidade e eficiência os alunos especiais. De nada adianta uma escola dizer que pratica a educação inclusiva se, antes disso, não procura adaptar a estrutura física da escola, com rampas de acesso, banheiro, cantinas e salas adaptadas. A equipe docente precisa também preparar a área de apoio psicológico e pedagógico dos alunos

e familiares, tendo uma equipe bem estruturada e capaz de promover um trabalho de qualidade, buscando o melhor desenvolvimento dos alunos incluídos.

[...] inteligência constitui um potencial biopsicológico que no ser humano ajuda-o a resolver problemas. Dessa forma representa atributo inato à espécie e assim nascemos com nossas diferentes inteligências, cabendo ao ambiente no qual se inclui naturalmente a escola, mais acentuadamente estimulá-las. (ANTUNES, 2008, p. 1)

A estimulação é essencial para promover o melhor desenvolvimento do aluno, pois quando ele é estimulado e envolvido com as disciplinas e assuntos, tendem a demonstrar melhor desempenho escolar.

É importante ressaltar também o conhecimento prévio que o professor e a escola devem ter sobre os alunos, principalmente dos alunos especiais. Precisam verificar seu histórico de saúde, escolar, sua cultura, seu ritmo, família, comunidade em que vivem, entre vários outros fatores.

Para atender os alunos especiais e integrá-los na sala de aula, deve existir preparo e dedicação do professor e de toda a escola, alunos bem assistidos se sentirão protagonistas do próprio processo de ensino e aprendizagem. Os alunos incluídos nas salas de aula do ensino comum precisam se sentir iguais e bem acolhidos, pois assim será mais provável o salto no desenvolvimento dos mesmos.

Muitos professores sabem da peculiaridade do aluno e sua deficiência e, por este motivo, deixam-no de lado ou dão apenas algumas atividades. Isso não pode acontecer em momento algum e de forma alguma.

O professor deve sempre acreditar no potencial de seus alunos, cada qual com sua particularidade, e deve sempre ser confiante nos progressos que seus alunos especiais podem apresentar.

Assim, uma escola somente poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada para favorecer a cada aluno, independente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação. Um ensino significativo é aquele que garante o acesso ao conjunto sistematizado de conhecimentos como recursos a serem mobilizados. (SILVEIRA, 2011, p. 35)

Outro fator importante a ser salientado é o importante e fundamental papel e apoio dos pais em todo o processo pedagógico e social exercido pela escola. Os pais e/ou responsáveis devem sempre ter o cuidado de dar continuidade e atenção nos trabalhos promovidos pela escola. Pais presentes e participativos no contexto escolar potencializam o trabalho de toda equipe pedagógica.

Um trabalho executado durante as aulas deve ter continuidade e atenção dos pais em casa, pois a estimulação não deve partir apenas dos profissionais docentes, mas também da família, que é um grande agente de influência e transformação na vida dos alunos.

“A vida se renova constantemente e, nessa renovação, ocorrem mudanças, os retrocessos e os avanços. E, nestes momentos, estamos nos envolvendo e nos encontrando com o novo [...]” (SILVEIRA, 2011, p. 17).

Precisamos, como educadores, sempre lutar por uma educação de qualidade, e promover a integração de todos, estimulando a cidadania e a justiça. E como seres humanos, devemos incentivar todos os alunos a valorizarem e respeitarem o próximo.

Alunos especiais devem ter as mesmas oportunidades de alunos normais, e com o decorrer de seu desenvolvimento, os professores, profissionais e familiares, terão mais conhecimento e discernimento da real limitação dos mesmos, mas as oportunidades devem ser oferecidas a

todos, sem acepção de pessoas.

Alunos com deficiência possuem suas peculiaridades e ritmos de desenvolvimento diferenciados, e a educação inclusiva é o que vai impulsionar a igualdade e o conhecimento aos alunos, que por muito tempo eram desprezados e esquecidos.

A inclusão social beneficia não só o aluno especial, mas sim toda a turma, pois a interação e a união dos alunos especiais com os alunos normais formam uma espécie de igualdade em toda a escola. Dessa forma, as pessoas não veem o próximo com diferença, mas respeitam-no e valorizam-no como ser humano.

Professores e toda a comunidade escolar devem sempre buscar formação adequada e objetiva, e principalmente se preocupar com o ser humano, procurando formar bons cidadãos.

Considerações finais

A intenção do trabalho realizado foi promover consciência e cidadania, por meio de informações e realidades ocorridas na sociedade atual.

A inclusão social é uma atitude e princípio que promove a igualdade social e realça o direito a todos. Cada ser humano é diferente do outro, possuindo suas particularidades e individualidades, formando assim uma sociedade tão diversificada.

Pode ser concluído que há importância no trabalho em todo o contexto social, no trabalho das escolas, das famílias, do governo e de toda sociedade.

A inclusão social terá seu pleno sucesso e desenvolvimento a partir da dedicação e apoio de toda sociedade. Atitudes são o que movem o mundo, e boas ações de pessoas integrantes de variadas áreas da sociedade é o que transformam o mundo em um lugar melhor e mais igual.

Temos que ser a mudança que queremos nos deparar em toda a sociedade, é a partir de cada gesto e ação que conseguimos ajudar na luta pela igualdade e plena cidadania.

Alunos com deficiência e/ou dificuldade no aprendizado e interação social precisam de uma atenção e acolhimento especial por parte da escola e da sociedade. Por isso o dever do educando é promover esse respeito e valorização, sendo uma ponte entre a sociedade e a escola.

Referências

ANTUNES, Celso. **Alfabetizando: Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em: <<http://regina-pironatto.blogspot.com.br/2008/11/educacao-inclusiva.html>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

SILVEIRA, Tatiana dos Santos da; NASCIMENTO, Luciana Monteiro do. **Caderno de Estudos Educação Inclusiva**. Indaial: Uniasselvi 2011.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.

EDUCAÇÃO SEXUAL INFANTIL: CRIANÇAS DE 8 ANOS DE IDADE

Child sex education: 8-year-old children

Ana Regina Bozan¹
Andressa Aparecida de Oliveira Souza¹
Eduarda Krauss Eliane Shofer Ferreira¹
Patrícia de Oliveira Professora Liane Koffke¹

Resumo: A sexualidade envolve várias fases e cada período deve ser explorado de maneira saudável e própria a cada idade, visando saciar a curiosidade com responsabilidade. Os acessos às informações sobre a sexualidade são os mais variados, mas nem sempre são fontes seguras. Saber abordar esse assunto, ainda considerado tabu traz satisfação e tranquilidade, de modo que se permita à criança explorar o próprio corpo, respeitando-o. A sexualidade infantil possui pontos de erotização de acordo com a faixa etária e aos oito anos de idade, a criança vivencia um período de descobertas sociais e de preparo emocional para a sexualidade na adolescência.

Palavras-chave: Sexualidade. Curiosidade. Descobertas.

Abstract: Sexuality involves several stages and each period should be explored in a healthy and proper way for every age to satisfy the curiosity with responsibility. The access to information about sexuality are varied, but are not always reliable sources. Know how to approach this subject, still considered taboo, it brings satisfaction and tranquility, so this way, allow the child to explore her body, respecting it. Infantile sexuality has erotization points according to age group, and with eight years old, the child experiences a period of social discovery and emotional preparation for sexuality in adolescence.

Keywords: Sexuality. Curiosity. Discovery.

Introdução

A exploração da sexualidade de uma criança está presente desde o seu nascimento, porém, ela se difere à sexualidade de um adulto. O desenvolvimento da sexualidade infantil volta-se ao prazer em seus diversos aspectos, sejam eles: afetivos, corporais ou psicológicos.

A sexualidade pode ser identificada em todas as faixas etárias. Cabe tanto às famílias quanto aos profissionais da educação, orientar e esclarecer as dúvidas e as curiosidades das crianças, utilizando uma linguagem simples e abordando apenas o que for questionado.

A maneira de lidar com as dúvidas das crianças pode interferir no seu desenvolvimento saudável ou patológico e na sua vida sexual na fase adulta de forma direta ou indireta. A partir do momento em que a curiosidade da criança é satisfeita, contribui-se para o preparo emocional de uma vida sexual segura. “A possibilidade de poder tratar do tema ajuda na elaboração, compreensão dos conflitos e ansiedades, permitindo à pessoa iniciar a vida sexual de forma mais harmoniosa e integrada”. (SUPLICY, 2002, p. 39).

Abordar a sexualidade no ambiente educacional exige preparação do educador, compreendendo a dominação/conhecimento do tema exposto, saber respeitar a sexualidade de cada criança, de forma que não se reprima e nem estimule a sexualidade, permitindo que se compreenda a mesma com naturalidade. É necessário que o educador responda aos questionamentos

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

sobre sexualidade de maneira verdadeira, orientando as brincadeiras e comportamentos corretamente, sem reprimir a sexualidade como se fosse algo errado.

A sexualidade ainda é considerada apenas sinônimo de erotismo; porém, ela está relacionada com outros aspectos que envolvem a conscientização do corpo: tudo que proporciona prazer tem semelhança com a sexualidade; desde o simples saborear de um alimento a um carinho, abraço ou beijo. No dia a dia, as famílias realizam educação sexual com suas crianças, até mesmo as famílias que não falam sobre o assunto abertamente; o simples cuidar agrega valores relacionados à sexualidade desde o nascimento da criança. “O conhecimento do corpo e de seu funcionamento propicia uma maior conscientização da importância da saúde e da necessidade de ações curativas e principalmente preventivas”. (BLUMENAU, 2012, p. 53).

Para o desenvolvimento da pesquisa, as informações apresentadas foram coletadas em sites acadêmicos, revistas *online* e livros. Desse modo, a presente pesquisa terá seu foco voltado à reflexão das diferentes formas e fases da sexualidade infantil, especificando-se nas crianças aos oito anos de idade, abordando a importância em lidar com esse assunto tabu da nossa sociedade.

A descoberta da sexualidade

Na contemporaneidade, a maioria das crianças já sabe que os bebês “saem da barriga da mãe”. Porém, esta é a mais simples das respostas que a criança quer ouvir. Ao satisfazer a primeira curiosidade da criança, surgem outros questionamentos que complementam esta dúvida, nesse instante há ansiedade por ambas as partes (criança e quem irá responder), e surge então outro questionamento: “como o bebê entra na barriga da mãe?”.

Os valores que são repassados às crianças moldam suas formas de pensar, sentir e agir. Portanto, a falta de informações ou, então, a abordagem insegura sobre o assunto, pode levar a problemas relacionados à sexualidade futuramente. O fato de a criança não ter sua curiosidade saciada, leva-a a buscar respostas da sua maneira, seja na mídia, com colegas etc., e nem sempre estas são fontes verdadeiras. “Os computadores são pobres engenhocas comparados à inteligência de qualquer criança, mesmo das crianças especiais”. (CURY, 2003, p. 34).

Os comportamentos e/ou brincadeiras relacionados à sexualidade, por vezes, são mal compreendidos e até repreendidos por quem os vê. A descoberta sexual faz parte do desenvolvimento saudável da criança, assim como faz com que se sintam felizes. O conhecimento teórico sobre sexualidade infantil permite que se dê ao menos as respostas que as crianças buscam e as orientações corretas quando são presenciadas situações que envolvam sexualidade, como é o caso de algumas brincadeiras.

O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores, e crenças sobre a sexualidade possa se expressar. O trabalho de orientação sexual compreende a ação da escola como complementar a educação dada pela família. Os pais têm papel fundamental quanto à orientação sexual de seus filhos, assim como a escola deve procurar sempre esclarecer fatos e tirar dúvidas dos educandos. (BLUMENAU, 2012, p. 52).

A manifestação da sexualidade acontece logo nos primeiros meses de vida, quando a criança é tocada, acariciada, e logo mais, incentivada a se comunicar. Essas e outras ações afetivas que se realizam com a criança permitem que ela tenha uma base para o seu desenvolvimento afetivo, sexual e social.

Fases do desenvolvimento sexual infantil

Os primeiros anos de vida têm papéis significativos quanto à formação da personalidade do ser humano. A maturidade sexual é alcançada após algumas fases que integram o desenvolvimento sexual infantil. Para que a criança se sinta confortável com seu próprio corpo, é preciso que ela compreenda sua sexualidade; e para isso, faz-se necessário que principalmente os pais, mas também os educadores, conheçam as etapas pelas quais as crianças passam e saibam esclarecer as dúvidas que as cercam com relação ao seu corpo.

Para a criança desenvolver sua capacidade de usufruir plenamente o sexo, com amor e prazer dentro de princípios que determinem responsabilidades para consigo mesma e com o parceiro, é necessário ter conhecimento dos fatos da sexualidade. (SUPLICY, 2002, p. 178).

O desenvolvimento sexual da criança inicia-se pela fase oral; é através da boca que o bebê conhece o mundo. “A atividade de sucção não nutritiva é a primeira manifestação da libido e a primeira conduta com marca sexual”. (PEREIRA; CLEMENS, 2009, p. 53). Este período é muito importante para o desenvolvimento da criança em si; essa fase deve ser explorada com segurança, e jamais deverá ser reprimida. Caso contrário, essa fase pode se prolongar devido à criança não sentir satisfeita sua necessidade de sucção.

Após a fase oral, a criança passa pela fase anal, esta por sua vez, compreende aquela em que se consegue ter controle sobre os esfíncteres, através da projeção, do soltar ou controle desdes. Nessa fase, a criança desenvolve o sentimento de que ela produz algo e pode ofertá-lo ou não ao mundo. “O controle esfínteriano se aprimora e as crianças já conseguem pedir para ir ao banheiro, identificar melhor suas vontades e permanecerem mais tempo sem episódios de incontinência”. (CELIA, 2003, p. 62).

Celia (2003) aborda que a fase fálica compreende o período em que as crianças descobrem os órgãos genitais. É na fase fálica que a masturbação torna-se algo natural. Também nessa fase acontece o complexo de Édipo, este por sua vez, envolve o sentimento de paixão pela figura parental do sexo oposto e o sentimento de ódio pela figura parental do mesmo sexo.

O período de latência acontece logo após o complexo de Édipo ser reprimido. A criança que está nessa fase sente libido com assuntos relacionados à escola, a aspectos intelectuais e sociais. Essa fase acontece entre a sexualidade infantil e a adulta. “As pessoas com as quais a criança passa a interagir também têm um papel importante em sua vida, já que, progressivamente, passam a se transformar em novas referências emocionais, intelectuais, educacionais e sociais”. (CELIA, 2003, p. 64).

Segundo Celia (2003) na fase genital existe um período de conflito entre ser criança e se tornar adulto. Esta última fase da sexualidade humana inicia-se na adolescência e é compreendida pelos desejos sexuais, pois há amadurecimento dos sistemas hormonais e o foco erótico volta a ser os órgãos sexuais.

Sexualidade aos 8 anos de idade: período de latência

A palavra latência pode ser entendida como algo que está oculto ou que não se vê. Aplicar este conceito à sexualidade infantil refere-se ao período em que a criança mantém sua sexualidade “adormecida”.

Cronologicamente, o período de latência acontece entre os seis e dez anos de idade. Seguindo a ordem da sexualidade humana, a latência intermedia a fase fálica e a fase genital,

ou então, é a transição entre a fase sexual infantil e a fase sexual adulta. “A criança de 8 anos quer saber mais sobre a vida conjugal e sexual. Esse não é um interesse erótico e, sim, parte da expressão de sua curiosidade. A criança está se expandindo intelectual e emocionalmente”. (SUPLICY, 2002, p. 162).

Ferrari (2013) ressalta que, pelo fato de a criança ter que aprender a interagir melhor com as pessoas e com o mundo que a cerca, o começo do período de latência se torna mais difícil do que o seu término, já que, ao final, a próxima fase é uma continuação dos relacionamentos humanos.

Uma das características do período de latência, de acordo com Ferrari (2013), é a de que a criança passará a conviver com o “tempo de espera” para satisfazer suas vontades. É através de decepções que a criança aprenderá que seus desejos não serão atendidos imediatamente e aprender a lidar com isso é essencial para se relacionar com os outros de maneira saudável.

Segundo Ferrari (2013), a latência não possui uma área específica para a erotização. Portanto, a libido sexual é paralela a outros fatores, dentre eles: dedicar-se às atividades escolares e às relações sociais, buscando superar o complexo de Édipo ocorrido na fase fálica. É nessa busca de fortalecimento do próprio ego, que a criança se “prepara” para a fase genital do desenvolvimento sexual. O fato de que não se desenvolva uma zona erógena no período de latência não significa que durante este período a criança não sinta interesse sexual até chegar à fase genital. Normalmente, os principais sentimentos que cercam a fase da latência envolvem a vergonha e a moralidade.

“Na pré-puberdade o grupo social toma-se tremendamente importante. Os meninos formam uma espécie de turma do Bolinha e as meninas têm uma ou duas “melhores” amigas que representam o mundo, e com as quais dividem todos os segredos”. (SUPLICY, 1990, p. 51).

Ainda no período de latência, as crianças se identificam com outras pessoas e não apenas com seus pais como acontece nas fases oral, anal e fálica. Nesse período surge o relacionamento social com colegas da escola, professores, personagens, etc., sendo estes, importantes para que a criança desenvolva sua identidade sexual.

Considerações finais

Faz-se necessário transmitir segurança às crianças para que possam saciar as dúvidas que as cercam, principalmente na abordagem do tema sexualidade, que é um assunto envolto de curiosidade. É importante associar a sexualidade ao amor, bem-estar, e prazer saudável, para que as crianças compreendam que, relações sexuais são práticas que acontecerão quando elas se tornarem adultas.

É importante que os pais conheçam sua própria sexualidade, para que, quando forem questionados por seus filhos, saibam como lidar com a situação e como abordar o assunto de maneira que não constranja nenhuma das partes. Caso as famílias não consigam saciar as dúvidas das crianças, cabe aos educadores tentar repassar as informações necessárias para usufruir de uma sexualidade saudável.

Após a criança vivenciar as etapas iniciais de sua sexualidade, compreendendo a fase oral, anal e fálica, a mesma passará pelo período de latência exposto anteriormente. Este período de latência envolve uma fase importante no desenvolvimento social da criança, trata-se de mudanças significativas que influenciarão futuramente no seu convívio em sociedade.

As características que cercam o período de latência não podem ser vistas como regras,

assim como nenhuma das fases vivenciadas pelas crianças. Cada ser humano tem suas individualidades, e no período de latência, pode ocorrer de a criança vivenciar sua sexualidade através de uma das fases anteriores em conjunto com o período de socialização que faz parte da latência.

A criança deve vivenciar cada fase de sua sexualidade e desenvolver respeito pelo seu corpo e pelo corpo dos outros. O período de latência é importante para a vida social da criança. É através desta fase que a criança passará a interagir em sociedade, a conviver com pessoas diferentes do seu ambiente familiar e, assim, conviverá com as regras que a acompanharão por toda a vida.

Referências

BLUMENAU, SC. **Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação Básica: Experiências em Relatos**. Blumenau: Prefeitura Municipal/SEMED, v. 5, 2012.

CELIA, Luciana dos Santos. **Aquisição e Desenvolvimento Infantil (0 - 12 anos): um olhar multidisciplinar**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, Professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FERRARI, Juliana Spinelli. **Fase de Latência**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/psicologia/a-fase-latencia.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2014.

PEREIRA, Eliane Regina; CLEMENS, Juçara. **Psicologia Geral e do Desenvolvimento**. Indaial: Asselvi, 2009.

SUPLICY, Marta. **Conversando Sobre Sexo**. 16ª ed. São Paulo: Vozes, 1990.

SUPLICY, Marta. **Papai, Mamã e Eu: O desenvolvimento sexual da criança de zero a dez anos**. São Paulo: FTD, 2002.

VILELA, Maria Helena. **Sexualidade na Educação: Como agir com as brincadeiras de namoro entre as crianças?** Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/blogs/educacao-sexual/2014/02/13/como-agr-com-as-brincadeiras-de-namoro-entre-as-criancas/>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.

GESTÃO E DEMOCRACIA EM UMA ESCOLA PARTICIPATIVA

Management and democracy in a participative school

Lúcia Denise de Souza Costa¹
Angela Mari Mattos P. Schwahn¹

Resumo: Nos dias atuais a escola é vista como responsável pelo desenvolvimento integral do aluno nos aspectos físicos, emocional, cognitivo e social da criança. Sobre o papel da gestão democrática e participativa na geração da qualidade no âmbito escolar, atualmente uma das temáticas mais discutidas na educação é a forma de como as escolas têm se organizado para construir espaços de relevância nos aspectos administrativos, pedagógicos, de gestão de pessoas. Mediante as grandes mudanças nas tecnologias e nos níveis de preferências dos alunos, discute-se como perseguir a qualidade tão necessária à escola de hoje. Nesse contexto, a partir de pesquisa desenvolvida, pode-se verificar que uma das maiores dificuldades da gestão é justamente estabelecer situações significativas que possam edificar a participação de todos no sentido de gerar a qualidade no processo de ensino-aprendizagem. Assim, acredita-se que uma gestão escolar só poderá contribuir de maneira democrática a partir do momento em que todos, gestores, professores, pais e alunos envolvam-se de forma participativa nos projetos pedagógicos e culturais da unidade escolar.

Palavras-chave: Gestão. Democracia. Educação.

Abstract: Nowadays the school is seen as responsible for the full development of students in the physical, emotional, cognitive and social aspects of the child. On the of democratic and participatory management in generation quality in schools, currently one of the most discussed topics in education is the way of how schools have been organized to build spaces of relevance in pedgogical, administrative, personnel management and through major changes in technologies and levels of learner preferences, to pursue quality as needed to school today. In this context, starting from research developed, it can be seen that one of the major difficulties of management is exctly establish meanengful situations that could build the participation of all parties in order to generate quality in the teaching-learning process. Therefore, it is believed that a school management an only contribute in a democratic manner from the time when eeveryine managers, teachers, parents and sutdents engage in a participave way in the educational and cuturel projects of the school unit.

Keywords: Management. Democracy. Education..

Introdução

Este artigo tem como proposta principal perceber a importância da gestão democrática no cotidiano escolar, suas possibilidades, desafios e conquistas. Trata-se de um estudo sobre o funcionamento da gestão nas escolas e das funções e competências dos profissionais atuantes nesse trabalho.

Segundo Penin (2001), [...] a missão de cada escola, de cada gestor, de cada professor, é promover o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para o trabalho. Assim, ressalta-se importância de se fazer uma gestão educacional com democracia, com princípios éticos e que vise à qualidade do ensino nas unidades escolares.

O gestor escolar precisa estar atento às necessidades de seus alunos, tanto quanto de seus funcionários, mediando conflitos sempre que necessário, gerenciando a escola, coordenando, facilitando e mediando cada situação que acontece na escola.

Chiavenato (1979, p. 179) afirma que:

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

A atividade administrativa é uma atividade grupal. As situações simples, nas quais um homem executa e planeja o seu próprio trabalho, lhes são familiares; porém, à medida que essa tarefa se expande até o ponto em que se faz necessário, o esforço de numerosas pessoas para levá-la a cabo, a simplicidade desaparece, tornando necessário desenvolver processos especiais para a aplicação do esforço organizado em proveito da tarefa do grupo.

Quando a gestão educacional é democrática, a comunidade escolar se torna mais autônoma, já que as decisões são tomadas coletivamente, enriquecendo as relações interpessoais, bem como, atingindo a qualidade necessária para enfrentar os desafios cotidianos da comunidade escolar.

Uma escola aberta inovadora é capaz de transformar cada indivíduo em um cidadão, inserindo-o harmoniosamente na sociedade, a fim de que ele faça parte de um universo social amplo e justo para todos.

[...] o conceito de gestão está associado ao fortalecimento da democratização do processo pedagógico, à participação responsável de todos nas decisões necessárias na sua efetivação mediante um compromisso coletivo com resultados educacionais cada vez mais efetivos e significativos. (LÜCK, 2006, p. 1)

Com o objetivo de fixar novas ideias na instituição escolar, surge a gestão democrática, convocando a comunidade e os usuários da escola a agirem como agentes ativos e participativos, responsáveis diretos pela qualidade do processo de ensino-aprendizagem na unidade escolar.

Na gestão democrática, pais, professores, funcionários e alunos fazem parte do Projeto Político Pedagógico da escola, que é organizado e construído com a participação de todos, para uma escola inovadora, cheia de valores éticos de inclusão social e de saberes.

O projeto pedagógico, ao se construir em processo participativo de decisões, preocupa-se em instaurar uma forma de organização do trabalho pedagógico que desvele os conflitos e as contradições, rompendo com a rotina do mundo pessoal e racionalizado da burocracia e permitindo relações horizontais no interior da escola. (VEIGA, 1998, p. 13)

Método e atitude são palavras-chave quando se refere à gestão democrática. Para se ter uma gestão democrática, é necessário saber lidar com o teórico, com o científico e com o racional. O gestor, estando à frente na instituição, precisa ter ética e transparência em suas decisões, ser mediador da convivência humana, agente transformador da realidade.

Para Bordenave (1994, p. 8), “Democracia é um estado de participação”. Dessa forma, o gestor escolar não apenas administra, mas coordena e articula a participação dos envolvidos no processo pedagógico, a gestão democrática é um trabalho de esforço coletivo.

A atividade administrativa é uma atividade grupal. As situações simples, nas quais um homem executa e planeja o seu próprio trabalho, lhes são familiares; porém, à medida que essa tarefa se expande até o ponto em que se faz necessário o esforço de numerosas pessoas para levá-la a cabo, a simplicidade desaparece, tornando necessário desenvolver processos especiais para a aplicação do esforço organizado em proveito da tarefa em grupo. (CHIAVENATO, 1979, p. 179)

O diálogo é fundamental para que ocorra uma gestão democrática, alicerçada na ética

e na cidadania. Segundo Freire (1987, p. 47), “se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos no diálogo nada esperam do seu que fazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso”.

É necessário que a gestão da educação realize plenamente suas ações de caráter mediador, já que o profissional da educação que ocupa essa função administrativa na escola desempenha um papel muito importante no desenvolvimento da liderança de toda a comunidade escolar.

Gestão educacional

Gestão Educacional corresponde ao processo de gerir a dinâmica do sistema de ensino como um todo e de coordenação das escolas em específico, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas para a implementação das políticas educacionais e projetos pedagógicos das escolas comprometido com os princípios da democracia e com métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo (soluções próprias, no âmbito de suas competências) de participação e compartilhamento (tomada conjunta de decisões e efetivação de resultados), autocontrole (acompanhamento e avaliação com retorno de informações) e transparência (demonstração pública de seus processos e resultados). (LÜCK, 2011, p. 35-36).

Segundo a autora, faz-se necessário para que a gestão educacional democrática ocorra, que esta seja baseada nos princípios da democracia, com a participação de todos na tomada de decisões nas diversas dimensões, assegurando que a inclusão aconteça no sistema de ensino como um todo.

Atualmente, predominam diferentes linguagens e interpretações. Falar em gestão escolar remete-nos a uma questão um tanto complexa: perceber-se no outro, colocar-se no lugar do outro, desenvolver a empatia. Sim, essa é uma característica da educação e, por outro lado, em uma sociedade estruturada no capitalismo, essa função torna-se ainda mais difícil.

Administrar pessoas, gerir questões burocráticas, em meio às questões pedagógicas. Eis o gestor educacional, um mediador que concilia racionalidades tão presentes na vida cotidiana da unidade escolar.

Segundo Campos (2010, p. 74),

As escolas enfrentam problemas devido à falta de renovação dos seus modelos de gestão, que se esgotam e se tornam deficientes, não respondendo, assim, às novas situações exigidas pela sociedade. A escola que se faz hoje é diferente da do passado, e possivelmente no futuro, as escolas existirão de forma a se adequar às necessidades da vindoura sociedade. Não existe escola melhor ou pior. Mas é interessante nos perguntarmos: porque existem escolas que fazem mais sucesso que outras? Você, na sua escola, já perguntou aos seus pais o que eles querem que você aprenda para lhe servir no futuro? Perguntamos às crianças o que elas gostariam de aprender? E porque a escola não lhes ensina? E os professores o que dizem sobre essas respostas? Boas reflexões podem gerar excelentes respostas para as mudanças a serem promovidas nas escolas.

Levando em consideração que a escola é uma organização social, na qual todos estão aprendendo e ensinando ao mesmo tempo, tendo professor e alunos numa relação dialógica, destaca-se um processo de construção coletivo de conhecimento. Então, falar em perspectiva da gestão é falar em:

Um processo de aprendizado e de luta política que não se circunscreve aos limites da prática educativa, mas vislumbra, nas especificidades dessa prática social e de sua relativa autonomia, a possibilidade de criação de canais de efetiva participação e de

aprendizado do “jogo” democrático e, conseqüentemente, do repensar das estruturas de poder autoritário que permeiam as relações sociais e, no seio dessas, as práticas educativas” (DOURADO, 2000, apud FERREIRA, 2006, p. 79).

Atualmente, no Brasil, em uma sociedade que se diz democrática nas decisões e nas ações, a averiguação da realidade suscita alguns questionamentos e reflexões na busca de respostas sobre a democratização nas relações administrativas cotidianas, formalmente garantidas por lei.

Nos últimos anos, tem-se discutido muito o novo papel da gestão escolar como instrumento para inserção de movimentos de transformação na atuação dos professores, alunos, pais e comunidade. Dessa forma, tem-se buscado subsídios nos aspirais da democracia e da participação dentro da instituição Escola.

Uma boa gestão se consolida pelo compromisso e participação dos sujeitos envolvidos no processo, ou seja, a gestão democrática não deve ser algo que se alcance por decreto, mas que, ocupando a função de administrador pedagógico burocrático da unidade de ensino, esse profissional trabalhe numa perspectiva de respeito e de formação de cidadania.

Conforme Ferreira e Aguiar, 2008, p. 127:

A gestão educacional, entendida como conjunto de ações articuladas de política educativa, em suas distintas esferas que caracterizam um país como o Brasil, onde União, estados e municípios, têm responsabilidades solidárias no cumprimento do dever constitucional de oferecer educação pública de qualidade para todos, vive dilemas decorrentes de um modelo que está longe de ser eficiente

Diante da globalização econômica, da transformação dos meios de produção e do avanço acelerado da ciência e da tecnologia, a educação escolar precisa oferecer propostas concretas à sociedade, preocupando-se em oferecer um ensino de qualidade que possa elevar a capacidade das crianças, adolescentes e jovens para compreenderem o universo competitivo e os valores sociais, econômicos e culturais intrínsecos na formação pessoal e profissional ao qual estarão submetidos.

Nesse sentido, o gestor escolar, juntamente com a comunidade escolar deve mediar ações para transformar conflitos em aprendizagens significativas, que façam com que os alunos possam tornar-se cidadãos criativos e reflexivos.

Segundo os estudos realizados por Antunes (2000, p. 72), percebe-se que a educação de qualidade é aquela em que a escola, gestão, professores, pais promovem o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos, bem como a inserção no mundo e a constituição da cidadania também como poder de participação, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Dessa forma, a educação deve ser vista como formadora de cidadania, superando as desigualdades sociais e a exclusão social. Assim, com a gestão democrática e participativa junto aos professores, o mundo dentro da escola e fora dela tornam-se a possibilidade de realização da cidadania.

Na gestão democrática, existem alguns mecanismos de participação que são fundamentais para a sua efetivação. É fundamental que a escola possa, pela sua função social, ser um espaço de socialização do conhecimento e também de inserção dos sujeitos nas relações sociais.

Gadotti (2004, p. 92), enfatiza que:

Não podemos pensar que a gestão democrática resolverá todos os problemas de ensino ou da educação: mas a sua implementação é, hoje, uma exigência da própria

sociedade que a enxerga como um dos possíveis caminhos para a democratização do poder na escola e na própria sociedade.

Importante ressaltar, a partir da fala de Gadotti, que a gestão democrática vem para responder aos anseios da sociedade, na busca de mais participação nas ações da escola junto aos alunos, assim, contribuindo para que o processo de ensino-aprendizagem seja uma conquista de todos os envolvidos.

Ainda segundo Gadotti (2004, p. 93)

Outro aspecto que merece destaque neste trabalho é o fato de que a atual prática gestonária nas escolas acaba exigindo dos diretores uma dedicação maior, e às vezes plena, às questões administrativas, obrigando-os a tornar secundário o aspecto mais importante de sua atuação, ou seja, a sua responsabilidade com relação a questões pedagógicas e propriamente educativas, que se reportam à sociedade como um todo, e, especificamente à sua comunidade escolar.

Dessa forma, percebe-se na função do gestor, uma atenção maior na resolução das questões burocráticas da unidade escolar. Segundo Campos (2010, p. 90), o gestor tem que dominar o planejamento e ser hábil negociador para a formulação de estratégias de êxito na consecução dos objetivos que se almejam no percurso exigido para se atingir as metas previstas.

Instrumentos da gestão escolar democrática

Com relação aos instrumentos da gestão escolar democrática, destaca-se no âmbito da grande maioria das escolas públicas: a constituição do Conselho Escolar; elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP). Entende-se que estes instrumentos, entre outros, são imprescindíveis ao desenvolvimento de ações democráticas no âmbito da escola.

Vale salientar, no entanto, que a melhora da qualidade da educação não depende unicamente das ações de uma gestão democrática, mas, sobretudo, essas ações devem ser planejadas com a participação de todos os envolvidos nesse processo, levando em consideração as particularidades de cada escola.

O Conselho Escolar se constitui em um órgão deliberativo cujos participantes compreendem os representantes de todos os segmentos da comunidade escolar. É um espaço de caráter consultivo e/ou deliberativo, responsável pela tomada de decisões no âmbito escolar, constituindo-se, sobretudo, em um espaço de democratização, onde professores, pais, funcionários, alunos e outros possam debater de maneira crítica sobre o cotidiano escolar.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) se caracteriza “como um dos principais instrumentos para a organização do trabalho e das atividades da escola e, particularmente, para a definição de sua própria organização pedagógica” (Dourado, 2003, p. 56).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) regulamenta os avanços da Constituição de 1988 e reafirma o princípio da Gestão democrática da educação, conforme propõe o título IV, que trata da organização da Educação Nacional - a participação dos profissionais da educação na elaboração de projetos pedagógicos e da comunidade escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes, garantindo ainda em seu Art. 15 que:

[...] os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram, progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira observada às normas gerais de direito financeiro público (Brasil, 2010, p. 17).

A elaboração do PPP é algo imprescindível no âmbito de uma gestão escolar democrática, pois é a partir da elaboração desse Projeto que as propostas e ações nele inseridas são executadas e avaliadas com a finalidade de alcançar os objetivos a que se propõe, estabelecendo, sobretudo, os parâmetros para o futuro da gestão escolar democrática, descentralizada e com autonomia nos processos de tomada de decisões da escola. Vale salientar que:

(...) faz parte da história de luta dos trabalhadores em educação e movimentos sociais organizados em defesa de um projeto de educação pública de qualidade, social e democrática. Em diferentes momentos, tais lutas se levantaram para garantir maior participação dos trabalhadores em educação nos destinos da escola, no fortalecimento dos conselhos escolares, na definição do Projeto Político Pedagógico, na defesa da eleição de diretores, da autonomia escolar e de um crescente financiamento (Dourado, 2003, p. 48-52).

A participação de toda comunidade escolar na elaboração de projetos pedagógicos que a escola pretenda executar começa a partir do momento em que acontecem reuniões, encontros na própria escola. Convocar a comunidade escolar para o debate sobre as técnicas e práticas a serem desenvolvidas na escola representa o ápice do processo de gestão participativa. O comprometimento e participação da comunidade no cotidiano escolar nos conduzem à construção da democracia.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho pedagógico**. São Paulo: Biotempo, 2000.

BORDENAVE, J. O **que é participação**. 8. Ed São Paulo: Braziliense, 1994.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. LDB: **Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. - 5 Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Gestão Escolar e docência** – São Paulo: Paulinas, 2010.

CHIAVENATO, Idalberto. **Teoria geral da administração**. São Paulo: McGraw-Hill, 1979. v.2.

DOURADO, L. **Gestão escolar Democrática**- a perspectiva dos dirigentes escolares
Goiania: Alternativa, 2003.

FERREIRA, Naura S. Carapeto (org.). **Gestão Democrática da Educação**: Atuais tendências, novos desafios. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2006.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. AGUIAR, Márcia Angela da S. **Gestão da Educação**: Impasses, perspectivas e compromissos. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. **Autonomia da Escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, (Guia da escola cidadã; v.1), 2004.

HORA, Dinair Leal da. **Gestão democrática na escola**. Campinas: Papirus, 2005.

LÜCK, Heloisa. **Gestão educacional uma questão paradigmática**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Liderança em Gestão Escolar**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. **Gestão educacional uma questão paradigmática**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (série Cadernos de Gestão).

OLIVEIRA, Dalila andrade. **Gestão Democrática da Educação** desafios contemporâneos. 9 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2009.

PENIN, Sônia Terezinha de Souza. **Progestão: como articular a função social da escola com as especialidades e as demandas da comunidade?**. Módulo I. Brasília: CONSED- Conselho Nacional de Secretários de educação, 2001.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo; globalização e meio técnico científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1997.

VEIGA, I. P. A. **Escola: espaço do projeto político-pedagógico**. Campinas: Papirus, 1998.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.

MOTIVAÇÃO E AUTOESTIMA: possibilidades para o sucesso educacional

Motivation and self-esteem: possibilities for educational success

Juliana Dias Mendes¹
Vanessa de Pieri Teixeira Vitoreti¹
Adriana Souza da Silva¹

Resumo: O presente artigo refere-se a uma questão que envolve a profissão do professor – a motivação e a autoestima. A motivação é um elemento complexo e se constitui um meio essencial à própria razão de ser professor. O artigo busca refletir sobre a motivação como fator relevante no desempenho profissional do educador, dando enfoque à importância da autoestima no processo educativo. Faz também uma análise de quais ações pedagógicas favorecem a elevação da autoestima, favorecendo uma maior reflexão sobre a afetividade como fator importante no relacionamento professor e aluno. Finalmente, sugere o desenvolvimento de atividades, tais como as dinâmicas de grupo, que são consideradas elementos valiosos para a educação, podendo ser utilizadas para trabalhar o ensino e a aprendizagem. Desta forma, as dinâmicas de grupo norteiam uma concepção de educação que valoriza tanto a teoria como a prática e acabam por promover a participação e integração entre os acadêmicos, incentivando os mesmos a encontrarem seus próprios fluxos de autoestima e motivação.

Palavras-chave: Aluno. Motivação. Autoestima.

Abstract: This article refers to an issue that involves the teaching profession - motivation and self-esteem. Shows that motivation is a complex element and is an essential means to the very reason of being a teacher. Seeks to reflect on motivation as a relevant factor in the professional performance of the educator, giving emphasis to the importance of self-esteem in the educational process. It also makes an analysis of pedagogical actions which favor the elevation of self-esteem, encouraging greater reflection on affection as an important factor in teacher and student relationship. Finally suggests the development of activities such as group dynamics, which are considered valuable elements for education and can be used to work teaching and learning. Those the group dynamics guide to a conception of education that values both theory and practice is to promote the participation and integration among academics, encouraging them to find their own self-esteem and motivation flows.

Keywords: Student. Motivation. Self-Esteem.

Introdução

A palavra motivação deriva dos termos latinos *motus* (movido) e *motio* (movimento), e segundo o Dicionário Aurélio, “é o conjunto de fatores, os quais agem entre si, e determinam a conduta de um indivíduo”.

De modo geral, motivação é tudo aquilo que incentiva a pessoa a agir de determinada forma ou, pelo menos, que dá origem a uma propensão a um comportamento específico, podendo este impulso à ação ser provocado por um estímulo externo (provindo do ambiente) ou também ser gerado internamente nos processos mentais do indivíduo (CHIAVENATO, 1999, p. 32).

Sendo assim, a motivação é essencial para o desenvolvimento do ser humano, pois sem ela torna-se mais difícil o cumprimento de tarefas e o desenvolvimento de capacidades e habilidades.

Já a autoestima é o modo como o indivíduo se percebe e se sente em relação a si mesmo,

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniassevi.com.br

e também como acredita que as pessoas o enxergam. Segundo Tiba (1999, p. 97), “a autoestima é o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma, aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Trata-se de um dos mais importantes ingredientes do nosso comportamento”.

A autoestima tem sido amplamente discutida no contexto educacional e familiar, onde sua falta acaba interferindo e prejudicando o desempenho do ser humano no processo de escolarização. Dessa forma, cabe ao professor agir como um incentivador de aprendizagem e fazer uso de sua percepção social e capacidade pedagógica para a resolução desta questão. Desse modo, ressaltará a importância da motivação em sala de aula como um subsídio fundamental na aquisição do conhecimento, despertando nos alunos seus desejos e futuras realizações no desempenho escolar e pessoal.

As relações afetivas entre professor e aluno são fundamentais para a aprendizagem, pois só através de um bom relacionamento é que existirão a troca de conhecimento e a interação. Diante dessa perspectiva, nota-se uma forte relação entre motivação e autoestima, pois através de uma autoestima saudável torna-se possível ser uma pessoa mais motivada. A autoestima produz um efeito positivo, a motivação, que gera mudanças interiores, possibilitando um grande passo para a autorrealização e busca da felicidade.

Percebe-se que os professores estão cada vez mais preocupados em mudar esta realidade, tornando suas aulas motivadoras, mudando suas práticas educativas no sentido de elevar a autoestima dos seus alunos, melhorando o relacionamento da classe e, com isso, buscando um maior sucesso no rendimento escolar.

No âmbito educacional esse assunto vem ganhando grande destaque, pois o ato de motivar educadores influencia diretamente no rendimento dos alunos. O educador é o principal agente motivador, ele precisa se sentir motivado para exercer suas funções de maneira realmente produtiva e demonstrar prazer no que faz. Para isso é necessário que se busquem alternativas para estimular esse processo motivacional, desenvolvendo uma aprendizagem que amplie o conhecimento individual ou de um grupo como um todo. Essa aprendizagem é baseada em conteúdos de motivação que se apresentam através de dinâmicas grupais, frases, textos ou até mesmo atividades para sala de aula. Dessa forma, espera-se que o educador tenha em mente que o ato de educar é a base para a formação de novos indivíduos, percebendo sua real importância e contribuição para o enriquecimento das futuras gerações.

A escola e o professor na atualidade

Durante o processo educacional, a criança desenvolve-se intelectual, afetiva, moral e fisicamente. Nas sociedades primitivas, a educação de crianças e jovens era responsabilidade dos adultos, anciões e parentes próximos.

Entretanto, em determinado momento a família, por si só, já não consegue mais suprir as necessidades de conhecimentos necessários para a inserção dos filhos na sociedade. É neste momento que surge a escola, com organizações semelhantes às dos quartéis e conventos: regimes de ordem, pontualidade e compostura, enquanto o ensino ficava em segundo plano.

Com o surgimento do capitalismo e a necessidade de mão de obra, o sistema escolar tem que se adaptar ao desenvolvimento industrial. Surge então a escola nova, que, apesar de não trazer grandes contribuições, conseguiu fazer a crítica à escola tradicional e, dessa forma, a educação foi passando por várias transformações e tendências pedagógicas, desde as tradicionais até as mais progressistas.

A escola é um importante referencial para o aluno. É nela que os alunos têm contato com a coletividade, enriquecem seu repertório de experiências e relacionamentos, aprendem os conceitos de ética para conviver em grupos, produzem e transmitem conhecimentos para poderem assim exercer a democracia e a cidadania.

O papel do professor no contexto escolar é aproximar o aluno ao mundo dos conhecimentos, desafiando-o no aprendizado em todos os aspectos: aquisição e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, hábitos, atitudes, valores e ideais. Diante desse contexto, há de se concordar que o professor foi uma das profissões que mais tiveram aumento de tarefas, pois além de ensinar os conteúdos da área para a qual foi preparado, ele também precisa saber lidar com assuntos para os quais não tem a menor capacitação.

Dessa forma, Esteve (1999, p. 57) enfatiza que existe uma confusão com relação à extensa função do professor, já que a sociedade e a família transferiram muitas de suas responsabilidades para a escola. Na maioria das vezes, o professor resiste a elas, pois não foi preparado pelo processo de formação profissional.

O professor queimado é um fenômeno demasiado familiar para qualquer adulto que trabalhe na escola pública atual. Os sintomas incluem um alto índice de absenteísmo, falta de compromisso, um desejo anormal de férias, baixa autoestima, uma incapacidade de levar a escola a sério, os problemas do professor separam-no cada vez mais de seus alunos. (ESTEVE, 1999, p. 57)

Também há de se levar em consideração - e muitas pesquisas têm evidenciado isso - que houve um forte declínio da moral entre educadores, e isto vem aumentando cada vez mais devido aos fatores que interagem, como baixos salários, a falta de um plano de carreira que recompense a competência do professor e uma grande falta de autonomia profissional coletiva, que, segundo a opinião de Carr e Kemis (1986, p. 8), “se constitui uma das áreas onde o professor está mais seriamente limitado como um profissional”.

Todos os fatores citados sugerem que a qualidade do ensino e a satisfação do professor no trabalho estão intimamente relacionadas, o que torna pouco provável a melhoria da qualidade do ensino sem antes entender quais os motivos, interesses e principalmente as expectativas que ainda sustentam os professores em uma profissão em constante desvalorização.

A afetividade e autoestima na relação pedagógica

Uma preocupação cada vez maior no mundo em que vivemos diz respeito à afetividade e à autoestima. Diversos segmentos da sociedade abordam essas questões em seus discursos e buscam práticas que possam condizer com o que acreditam verdadeiramente. A afetividade entre as pessoas refere-se ao resgate de valores humanos, que por nós são deixados de lado devido à correria do cotidiano.

O papel do professor, através da sua relação com o aluno, é de suma importância para que a formação da autoestima, a autonomia de ideias, conceitos que o próprio aluno tenha de si e que contribuam para seu desempenho escolar e de sua vida como um todo, sejam pautados em segurança.

Se um professor assume aulas para uma classe e crê que ela não aprenderá, então está certo que terá imensas dificuldades. Se ao invés disso, ele crê no desempenho da classe, ele conseguirá uma mudança, porque o cérebro humano é muito sensível a essa expectativa sobre o desempenho. (ANTUNES, 1996, p. 56).

Diante dessa perspectiva, é preocupante o número de casos que vêm mostrando alunos envolvidos em discussões e agressões contra colegas ou até mesmo com professores. Estes casos, se observados em suas particularidades, comprovam carência afetiva, demonstrando que o conceito que o aluno tem de si é negativo.

Sabe-se que a escola não é a solução para todos os problemas do ser humano. Contudo,

como órgão educacional que tem como uma de suas funções a formação do cidadão como sujeito construtor do seu contexto histórico, a escola deve contribuir para mudanças significativas na relação professor e aluno, pois a afetividade se faz presente em qualquer ação e busca, dessa forma, estreitar esta relação.

Para a construção da autoestima não se pode buscar culpados. É necessário que se crie um clima de confiança que faça com que a pessoa se sinta verdadeiramente acolhida, compreendida e respeitada, sentimentos que ajudam a trabalhar a essência emocional de cada pessoa, bloqueando as condutas impróprias. Afinal, os educadores sabem que as crianças aprendem melhor quando estão satisfeitas com elas mesmas e que bons sentimentos são importantes.

Cuidar é mais que um ato, é uma atitude, portanto abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilização e envolvimento afetivo. Por isto, é preciso cuidar da terra antes e depois da semente ser lançada, para que a planta possa crescer, florescer e dar bons frutos. (TIBA, 1999, p. 45)

Porém, infelizmente, alguns professores não percebem que são exemplos dentro de uma sala de aula, esquecendo que seus alunos os admiram, espelham-se neles e estão preocupados em ser iguais a eles, muitas vezes imitando-os em seus pensamentos e atitudes. Se os professores fossem cientes dessa imitação, com certeza procurariam policiar suas palavras e posturas. Seria muito bom se alunos e professores pudessem espelhar-se em pessoas positivas, que emanassem sinceridade, autonomia e confiança.

O aluno, muitas vezes, vai para a sala de aula não somente esperando por uma simples aula, ele vai à busca de respostas que esclareçam suas dúvidas quanto ao seu verdadeiro papel na sociedade. A escola é considerada como um grupo social que pode contribuir para sua formação como cidadão, e raramente o professor se preocupa em repassar esses valores, muito menos em estabelecer um vínculo afetivo nesta relação favorecendo a formação da autoestima do seu aluno.

Dessa forma, a emoção será compreendida dependendo da intensificação ou redução da afetividade, porém esse sentimento não se desenvolve “naturalmente”. Cada pessoa precisa de uma aprendizagem específica, pois uma relação de afeto é algo que se constrói no dia a dia, no entendimento de si e do outro.

Diante disso, é necessário que se tenha cuidado com as palavras que são escolhidas para a comunicação, levando em consideração a firmeza no tom de voz, buscando sempre alternativas que encorajam a autoavaliação por parte da própria criança, fazendo com que ela aprenda a amar-se, conhecendo e respeitando seus limites, sem medo de buscar o professor, e pedindo ajuda quando necessário.

Acredita-se que o uso de novas metodologias, que busquem cada vez mais inserir o aluno numa vida escolar que retrate sua realidade e busque contextualizá-lo, poderá modificar a educação. Porém, olhando-se por outro ângulo, a solução para a educação também pode estar no afeto. Afeto este que proporcione maior crescimento e valorização do ser humano, proporcionando um reconhecimento pessoal como sujeito ativo na construção da história.

Dinâmicas de grupo: fator motivador

Existem diversos fatores que influenciam o ser humano no seu comportamento, a motivação é um deles. De acordo com Chiavenato (1999, p. 52), “motivo é um impulso que leva a determinada ação, podendo sua ação ser interna ou externa”. Ele explica que os atos de um indivíduo são guiados por suas crenças e pensamentos, porém, quando se analisa o motivo de determinadas crenças, entra-se para o campo de estudos da motivação.

Sabemos que as pessoas são diferentes umas das outras, e em virtude disso, elas também não são iguais no quesito motivação. Cada indivíduo possui suas necessidades e, dessa forma, produz valores diferentes, padrões de comportamento diferentes, e capacidades e habilidades para alcançar resultados também diferentes.

Os indivíduos de várias profissões e instituições fazem parte de uma organização esperando suprir algumas necessidades pessoais, e isso não é diferente com os professores. As pessoas possuem expectativas com relação ao desenvolvimento de seu trabalho, que são: reconhecimento e recompensa – e isso inclui salário, benefícios e oportunidade de crescimento, autonomia, liberdade, melhor qualidade de vida, alegria e satisfação. Para tanto, também se espera do funcionário foco nos objetivos, trabalho em equipe, comprometimento e dedicação. Quando existe uma reciprocidade nas expectativas, tanto funcionário quanto organização se sentem atendidos, o relacionamento entre ambos caminha perfeitamente. Porém, quando não há equilíbrio entre as partes, ocorre uma alteração dentro do sistema.

A satisfação dos objetivos pessoais é fator determinante na percepção do relacionamento. Nesse contexto, o indivíduo pode sentir-se satisfeito ao perceber que foi bem recompensado em relação à demanda recebida. Em compensação, a organização acolhe o funcionário esperando que ele contribua mais do que ela lhe oferece. Partindo dessa ideia, o bom relacionamento organizacional parte da motivação individual, interferindo diretamente na relação entre pessoas e organizações. Da mesma forma ocorre com os professores: quando eles se sentem motivados, seus alunos também se sentem e as aulas fluem de forma com maior afetividade entre ambos, contribuindo para um sistema educacional de melhor qualidade. Porém, quando há desmotivação decorrente a frustrações ou dificuldades em satisfazer as necessidades individuais, professores e alunos se desinteressam, criando uma apatia entre eles, causando insatisfação pessoal. É diante desse contexto que se encaixam as dinâmicas de grupo como alternativa mediadora para que professores se sintam mais motivados, elevando assim sua autoestima e também de seus alunos.

A preocupação com os problemas coletivos não é um fator recente. Muitos filósofos discutiram ao longo da história sobre as questões grupais. Porém, apesar desse estudo sobre grupos e fenômenos sociais, foi somente no século XX que a expressão “dinâmica de grupo” passou a ser conhecida, através de um artigo publicado por Kurt Lewin, em um estudo na área de Psicologia Social sobre as relações entre teoria e prática.

Para Militão (2000, p. 22), “toda atividade que se desenvolve com um grupo e que tenha como objetivo integrar, desinibir, “quebrar gelo”, divertir, refletir, aprender, promover o conhecimento, incitar à aprendizagem pode ser denominada Dinâmica de Grupo”.

No que se refere ao desenvolvimento de valores individuais e coletivos dentro dos mais diversos segmentos sociais, a dinâmica de grupo tem grande importância. As pessoas estão em busca do autoconhecimento, da confiança mútua, da responsabilidade, da cooperação, da integração grupal, da capacidade de liderança, de decisão e iniciativa. Basta notarmos o comportamento de nossos ancestrais primitivos para vermos com clareza a relação que existe entre o jogo e o trabalho. As atividades trabalhosas, como a caça e a pesca, adquiriram características de jogo. A dinâmica de grupo também se torna divertida, pois é trabalhada de forma lúdica, buscando atingir o domínio afetivo dos integrantes do grupo.

Na dinâmica de grupo, os indivíduos participam de um processo de ensino e aprendizagem onde o trabalho em equipe é apresentado como uma tentativa de modificar a realidade, já que durante a atividade proposta o saber é construído junto, e conseqüentemente, o conhecimento deixa de ser individualizado.

A importância da dinâmica no processo do ensino e aprendizagem coletivo deve responder a objetivos específicos, no sentido de estimular a produção do conhecimento tanto no coletivo quanto no individual, transformando a dinâmica em uma ferramenta a ser usada agregando

conhecimentos, em busca de uma maior motivação, promovendo assim sua autoestima.

Para os adultos, os jogos são excelente ferramenta, que constrói e exercita a paciência, ameniza a ansiedade, promove o respeito e a tolerância no trato dos diferentes pontos de vista das pessoas com quem convivemos. Desinibem os mais tímidos. Jogando jogos apropriadamente escolhidos, as pessoas podem negociar sem medo de errar. Colocar e ouvir diferentes pontos de vista, com espontaneidade. Aprende-se a recriar “leis”, mudando as regras do jogo, e a respeitá-las de forma “motivada” e não por “imposição”. Estimulam-se a cooperação e a renovação de regras, fazendo nascer uma verdadeira constituição! (FAILDE, 2010, p. 64).

A cada grupo em que é aplicada, a dinâmica permite vivenciar momentos agradáveis e diferentes, trazendo resultados positivos e satisfatórios no que diz respeito à integração, motivação, aprendizagem, interesse, reflexão e conscientização. Ao longo da prática são observadas muitas mudanças de comportamento dos participantes, eles se tornam mais receptivos com os demais integrantes, posicionam-se de forma diferente com relação às questões apresentadas, conseguem eliminar barreiras interpessoais de comunicação e trabalho em equipes. Os resultados, geralmente, são motivadores e agregam grande valor ao grupo.

Considerações finais

Pensar na construção de uma sociedade mais solidária e justa é refletir sobre os seus afetos e valores que fazem com que o ser humano se diferencie nas relações escolares no seu dia a dia.

Através deste estudo ficou claro que afetividade, moral e educação estão diretamente ligadas à aprendizagem. Sendo muito significativa a influência da afetividade no modo como os seres humanos resolvem os conflitos de natureza moral, assumindo papel organizativo na forma de pensar, nas ações e também nas reações.

As escolas, juntamente com a família, devem trabalhar juntas para ajudar a criança a desenvolver todo seu interior intelectual, de modo que seja livre para aprender e criar. É respeitando sua total originalidade que se permite à criança o total desenvolvimento da própria capacidade individual. Assim, a criança, ao sentir-se competente para lidar consigo mesma e com o ambiente que a cerca, percebe que pode oferecer algo de bom para os outros, por isso a autoestima elevada é importante, afinal ela nada mais é do que a aceitação da criança em ser quem é.

É de suma importância que os professores percebam e acreditem que toda criança tem o potencial de gostar e aceitar a si mesma, pois ela constrói sua autoimagem a partir das palavras que lhe são conferidas, da linguagem corporal, das atitudes e julgamentos dos outros.

Mas para isso o professor também precisa buscar seu espaço de aceitação junto à escola, de forma que ele seja valorizado como tal para que não se sinta desmotivado e acabe por transmitir esse conhecimento de forma errônea e inadequada.

Sendo assim, a busca por agentes motivadores não deve ser abandonada, e uma forma de se proporcionar esse bem são as dinâmicas de grupo. Por meio delas, procura-se proporcionar exercícios práticos que visam à solução dos problemas de cunho pessoal e também grupal. Esses exercícios – sejam eles jogos, dinâmicas ou vivências –, quando usados de forma correta e coerente, constituem uma ferramenta importante para auxiliar o professor a alcançar seus objetivos. Ou seja, a meta é facilitar a modificação comportamental e o relacionamento interpessoal. Ela busca também permitir que a interação grupal seja cada vez mais ajustada, pois os exercícios têm a finalidade de eliminar barreiras que impedem a verdadeira comunicação interpessoal, despertar nas pessoas o sentido de solidariedade, visto que muitas vezes isso tem sido posto em segundo plano pela sociedade cada vez mais individualista. Colaborando de forma

efetiva, a dinâmica de grupo pode auxiliar a afastar a indiferença, a apatia, a agressividade e até mesmo o anseio de dominação. A pessoa tem permissão para se apresentar como ela realmente é, quais são suas limitações e habilidades.

Nesse contexto, as dinâmicas de grupos servem também para ajudar as pessoas a fazerem uma ressignificação de seus valores e de sua vida por completo. Permitem o enriquecimento interpessoal, desenvolvendo um melhor relacionamento entre os integrantes do grupo, promovendo dessa forma interações positivas.

Assim é o ser humano: quando observado somente pelo seu corpo físico, suas atitudes e formas de resolver diferentes situações, não imaginamos o seu interior, sua base de formação que influenciou o seu modo de ser e sua maneira de valorizar o outro.

Referências

ALTET, Marguerite. **Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas**. São Paulo: Porto Editora, 2000. (Coleção Ciências da Educação Século XXI).

ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional**. São Paulo: Terra, 1996.

AURÉLIO, O **minidicionário da língua portuguesa**. 4ª edição revista e ampliada do Minidicionário Aurélio. Rio de Janeiro, 2002.

BRIGGS, Dorothy C. **A autoestima do seu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CARR, W.; KEMMIS, W. **Becoming critical education: knowledge and action research**. Trad. Durley de C. Cavicchia. Londres: The Palmer Press, 1986.

CHIAVENATO, I. **Comportamento organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

CHIAVENATO, I. **Recursos humanos: o capital humano nas organizações**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente**. Bauru: EDUSC, 1999.

FAILDE, I. **Manual do facilitador para dinâmicas de grupo**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

MARQUES, Ramiro. **Motivar os professores**. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

MENEZES, Luís Carlos. Os novos rumos da educação. **Revista Impressão Pedagógica**, Campinas, v. 9, n. 21. mar/abr. 2000.

MILITÃO, A.; MILITÃO, R. **Jogos, dinâmicas & vivências grupais**. 9. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.

_____. **Jogos, dinâmicas e vivências grupais: como desenvolver sua melhor “técnica” em atividades grupais**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2011.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa**. São Paulo: Gente, 1999.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.

ALFABETIZADOS OU LETRADOS?

Uma experiência da turma do 2º ano do Ensino Fundamental na rede pública de ensino

Literacy: A 2nd grade class experience of elementary school in the public school system

Jozelia Araujo Oliveira¹

Marta da Graça Lima¹

Resumo: Este trabalho traz de forma breve o relato do resultado de uma observação em campo realizada em uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública da rede municipal de Feira de Santana, acerca da compreensão dos conceitos de alfabetização e letramento. O objetivo é perceber se através da leitura de textos realizada para as crianças é possível saber se estas estão letradas ou alfabetizadas. Aborda-se inicialmente o conceito de alfabetização e letramento e em seguida é apresentado o resultado da observação em campo.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Práticas escolares.

Abstract: This work brings so soon report the results of a field observation conducted in a class of second grade of elementary school, a public school in the municipal Feira de Santana, about the understanding of literacy concepts and literacy as well as search realize it by reading texts held for children is possible to know whether they are literate or illiterate. Is approached initially the concept of literacy and literacy and then presents the results of participant observation in the field.

Keywords: Literacy. Literacy. School practices.

Introdução

Alfabetizar e letrar é uma proposta de ordem política, pois a partir da Conferência Mundial Sobre Educação para Todos, em 1990, a alfabetização passa a ser “entendida como instrumento eficaz para a aprendizagem” (CASTANHEIRA, et. al., 2009), assim como passaporte para o mundo da informação, para o acesso a novos conhecimentos, para a participação na própria cultura.

Partindo dessa definição, é possível compreender que o domínio da leitura e da escrita torna o cidadão ou cidadã instrumentalizado ou instrumentalizada para viver na sociedade atual. Todavia, é necessário que este cidadão aprenda a fazer diferentes leituras, não só da palavra escrita como também de mundo, saber ler e escrever em diferentes contextos. E qual o local que é considerado responsável por grande parte do desenvolvimento dessas habilidades nos aprendizes? A escola. Então, no universo da sala de aula devem circular textos que favoreçam não apenas a decodificação de signos gráficos, mas principalmente a leitura crítica das relações sociais e econômicas.

É importante que o professor em sala de aula, nas classes de alfabetização, perceba a multiplicidade de textos de circulação real na sociedade, que promova atividades que levem a criança a perceber a funcionalidade da escrita e que as leituras realizadas em sala sejam orientadas na perspectiva do letramento.

Sendo assim, com o objetivo de conhecer o nível de alfabetização e letramento de estudantes no processo de alfabetização, desenvolveu-se uma atividade de leitura em uma turma específica do segundo ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública da rede municipal de Feira de Santana. A atividade desenvolvida foi a leitura de um texto, retirado da *Provinha Brasil*, teste um, caderno de leitura, 2014.

¹Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR-470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Os resultados obtidos serão apresentados neste texto, seguindo a composição: inicialmente são apresentados de forma breve os conceitos de alfabetização e letramento, em seguida, relata-se o contexto da pesquisa e, finalmente, direciona-se um olhar sobre os resultados.

Alfabetização e letramento: alguns conceitos-chave

O material utilizado como base para este trabalho foi um texto retirado da Provinha Brasil, caderno de leitura, teste um, do ano de 2014. Tomando por base a matriz de referência para avaliação da alfabetização e do letramento inicial, focando o segundo eixo, o descritor oito, cuja habilidade esperada é antecipar a finalidade do texto com base no suporte ou nas características gráficas do gênero ou, ainda, em um nível mais complexo, identificar a finalidade, apoiando-se apenas na leitura individual do texto.

Antes de adentrar no universo da pesquisa realizada, é importante esclarecer o conceito de alfabetização e letramento de acordo com alguns autores. Para Cagliari (1999, p. 104), “alfabetizar é ensinar a ler e a escrever [...] o ponto principal do trabalho é ensinar o aluno a decifrar a escrita e, em seguida, a aplicar esse conhecimento para produzir sua própria escrita”.

Enquanto Soares (2002, p. 8) afirma que “alfabetizar implica a criança aprender a codificar e decodificar, pois é um sistema inventado, diferente da língua oral: o ser humano já nasce programado para falar”. A escrita é uma convenção. A autora também destaca que a alfabetização é “um fenômeno de muitas facetas”, é um processo amplo e complexo que envolve outros conhecimentos específicos da língua.

Já letramento é uma palavra recente no contexto da educação, utilizada no universo do ensino da leitura e da escrita, como se houvesse a necessidade de afirmar que alfabetizar é mais que dominar o sistema alfabético e ortográfico, é necessário que na prática pedagógica para alfabetizar se utilizem recursos do contexto social, para que o aprendiz não seja rotulado como alguém que decodifica o que está escrito mas não compreende o sentido do texto. Para Soares (2002, p. 2),

A insuficiência desses recursos para criar objetivos e procedimentos de ensino e de aprendizagem que efetivamente ampliassem o significado de alfabetização, alfabetizar, alfabetizado, é que pode justificar o surgimento da palavra letramento, consequência da necessidade de destacar e claramente configurar, nomeando-os, comportamentos e práticas de uso de sistema de escrita, em situações sociais em que a leitura e/ou a escrita estejam envolvidas.

A necessidade exigida pela sociedade é que demarca a igual urgência de, nos dias atuais, a escola promover o ensino da leitura e da escrita como prática social, para que o aprendiz esteja desde cedo exposto a vivências reais do contexto social, e, assim, quando sair da escola, seja um cidadão, além de alfabetizado, letrado, capaz de conviver nos espaços sociais.

Para Leite 2010, letramento é o desenvolvimento das habilidades necessárias para inserir o indivíduo nas práticas sociais de leitura e escrita.

Mollica (2007, p. 16) escreve:

Nas sociedades complexas, a escrita integra todos os momentos de nosso cotidiano. Sob tal perspectiva, compreende-se que a escrita tem múltiplas funções, desde as mais rotineiras até as que permitem acesso às esferas de poder. Assim, o letramento tem que ser entendido como práticas sociais em que se constroem identidade e poder, extrapolando-se os limites da escrita.

Trazendo esses conceitos, pretende-se também esclarecer que letramento não é um mé-

todo de alfabetização. Ao mesmo tempo ressalta-se, com base nos estudos realizados, que alfabetização e letramento, apesar de apresentarem conceitos distintos, são indissociáveis na prática pedagógica. Como afirma Kleiman (2010, p. 378-379):

Não existe “método” de letramento, como conjunto de estratégias didáticas para o ensino inicial de leitura e da escrita. Há muitos modos-métodos - se forem sistemáticos - de alfabetizar, e todos eles, simples ou complicados, modernos ou antigos, penosos ou prazerosos, fazem parte do conjunto de práticas escolares de letramento e são sócio-histórica e culturalmente situados. A alfabetização é uma prática de letramento que pode envolver diferentes estratégias (reconhecimento global de palavra, reconhecimento de sílabas, leitura em voz alta, leitura silenciosa), diversos gêneros (cartilhas, exercícios, imagens, notícias, relatos, contos, verbetes, famílias de palavras), diferentes tecnologias (lápiz, caneta, papel, quadro negro, giz, lousa branca, pincel atômico, livro, tela e teclado).

Não existe nenhuma oposição em alfabetizar e letrar ao mesmo tempo. Para não promover exclusão, o ideal é aliar um ensino sistemático da notação alfabética com a vivência cotidiana de práticas letradas, que permitam ao estudante se apropriar das características e finalidades dos gêneros escritos que circulam socialmente. (MORAIS, 2006, p. 12)

A partir dos conceitos apresentados infere-se que existe interdependência entre alfabetização e letramento, uma vez que a sociedade moderna é constituída por múltiplas linguagens, e a escola, que é considerada a maior agência de letramento, deve oportunizar aos aprendentes as mais variadas formas de uso da língua, para potencializar as habilidades que estes já possuem. O cumprimento deste papel, pela instituição de ensino, é de grande relevância para efetivar a participação dos estudantes na sociedade que é letrada.

Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada numa escola da rede pública municipal da cidade de Feira de Santana, Estado da Bahia, localizada no centro da cidade, em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. A turma era composta de 22 estudantes, sendo 13 meninos e nove meninas. Dentre os alunos, dois apresentam distorção idade-ano, bem como apresentam também déficit intelectual, e um deles é portador de diabetes do tipo dois, outro estudante da turma possui um laudo de distúrbio de comportamento, todavia está na faixa etária. Na turma havia uma professora regente e outra professora auxiliar, devido às peculiaridades já descritas. É uma turma que no período em que a pesquisa foi realizada, as crianças se encontravam em diferentes níveis de conhecimento tanto com relação à escrita, como à leitura.

O trabalho teve a duração de uma semana. O método utilizado para a realização da pesquisa foi o método da observação participante em campo. Como afirma Xavier (2010, p. 39), “a observação pode ser do tipo **participante**, isto é, com a participação direta do observador na coleta dos dados [...] Se a coleta dos dados for feita no local do evento pesquisado, chama-se **observação em campo**”. A pesquisa consistia em apresentar um mesmo texto para cada grupo de cinco crianças da turma a fim de que elas relatassem o que compreenderam do texto lido. O texto escolhido (ver quadro abaixo) foi apresentado no caderno de leitura da Provinha Brasil, devido à aplicação do teste 1 ter sido realizada naquela semana.

POR QUE AS ARANHAS FAZEM TEIAS? A RESPOSTA ESTÁ NA BARRIGA DAS ARANHAS. NA PONTA DO ABDÔMEN DELAS EXISTE UM PAR DE ÓRGÃOS QUE PRODUZEM FIOS DE SEDA QUE FORMAM A TEIA. AS TEIAS TÊM VÁRIAS UTILIDADES PARA AS ARANHAS: CAÇAR, PROTEGER SEUS OVOS OU MESMO FAZER ABRIGOS. AS ARANHAS UTILIZAM SUAS TEIAS ATÉ PARA ARMAZENAR OS ALIMENTOS. SE ALGUM BICHO FICA GRUDADO E ELAS ESTÃO SEM FOME, NÃO DISPENSAM. GUARDAM O PETISCO EM UM CASULO DE SEDA PARA COMER MAIS TARDE. EXISTEM, AINDA, AS ARANHAS QUE USAM SUA SEDA PARA ESCAPAR DE ANIMAIS QUE ADORAM COMÊ-LAS, COMO PÁSSAROS, SAPOS E, ATÉ MESMO, ALGUNS INSETOS.

Ciências Hoje das Crianças, a. 17, n. 144, mar. 2004 (adaptado).

A seguir será apresentada uma breve análise dos dados obtidos.

Um olhar sobre os resultados obtidos

O texto trabalhado com as crianças está na questão 19 do caderno de leitura da Província Brasil, visto que é um texto que condiz com o nível de conhecimento das crianças da turma, segundo a professora. Através dele foi possível perceber como estava o nível de conhecimento da turma com relação à alfabetização e ao letramento. O texto escolhido é um texto informativo, e a finalidade do trabalho realizado era perceber se as crianças estavam letradas ou alfabetizadas, ou ainda, se estavam caminhando na perspectiva do alfabetizar letrando.

Partindo desse pressuposto, foi possível dividir a turma em quatro grupos, sendo que dois grupos foram compostos por cinco componentes e os dois outros grupos por seis, escolhidos de forma aleatória.

Primeiro foi proposto que cada grupo fizesse a leitura do texto, o que apresentou dificuldade. Nem todos conseguiram, uma vez que alguns estudantes do grupo estavam ainda em processo de reconhecimento do código alfabético, outros decodificando palavras constituídas por sílabas canônicas e apenas cinco alunos da turma conseguiram ler convencionalmente o texto sem intervenção e com compreensão. Isso nos leva a perceber que no tocante ao domínio da leitura, a turma ainda precisava avançar muito, considerando que o primeiro trimestre do ano letivo já estava terminando.

Todavia, quando o texto foi lido em voz alta, as crianças identificaram com certa facilidade o assunto do texto, onde é encontrado aquele tipo de texto, suas características. O que confirma a ideia de que alfabetização e letramento são processos distintos, embora indissociáveis. Como afirma Rojo, (2009, p. 75)

Ler envolve diversos procedimentos e capacidades (perceptuais, motoras, cognitivas, afetivas, sociais, discursivas, linguísticas), todas dependentes da situação e das finalidades de leitura, algumas delas denominadas, em algumas teorias de leitura, estratégias (cognitivas, metacognitivas).

A professora da turma afirma destinar uma hora do tempo de sua rotina diária para o trabalho específico de leitura e inclui diversos gêneros, dos quais destaca as adivinhas, listas, receitas, poemas, canção, trava-língua, quadrinhas, leitura de imagens, parlendas, entre outros. A mesma ainda atendimento individualizado para cada criança, para que estas possam avançar no domínio da leitura e da escrita. Assim, o uso dos gêneros textuais na escola tem relação direta com as práticas de letramento, isto porque os gêneros circulam socialmente, fazem parte do dia a dia das pessoas, dos alunos, para muito além dos muros escolares.

Arrematando os fios da pesquisa

A partir do trabalho realizado em sala infere-se que o planejamento das práticas escolares de alfabetização e letramento deve ser realizado com muita atenção, considerando que ler e escrever são práticas desenvolvidas em todos os contextos sociais. Porém, a escola assume a maior parcela da responsabilidade de desenvolvê-las efetivamente.

Neste sentido, vale ressaltar que é na sala de aula que as oportunidades de construção da aprendizagem, de socialização do conhecimento acontecem, e o professor deve refletir qual é o seu papel enquanto formador de leitores e agentes de letramento. Qual o tempo escolar destinado à leitura na rotina diária? Qual tipo de texto lê-se para e com as crianças?

A leitura de textos diversificados, de circulação no contexto social, possibilita alfabetizar e letrar, criando possibilidades efetivas de aprendizagem. A atividade desenvolvida na referida turma permitiu perceber que, embora todas as crianças ainda não estivessem alfabetizadas, estavam desenvolvendo o processo de letramento, uma vez que este pode ser vivenciado em suas múltiplas facetas. Também é possível compreender que no cotidiano da sala de aula há uma multiplicidade de aspectos que o constituem, e o professor é desafiado a buscar, refletir e inovar, seja pelas necessidades de aprendizagem da classe em que leciona, seja pela necessidade de atualização da sua própria prática pedagógica.

Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione, 1999.

CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Orgs.) **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** CEFIEL/MEC, 2005.

_____. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. *Ver. Perspectiva*, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 375-400, jul/dez 2010.

_____. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LEITE, G. A. S. **Alfabetização e letramento: pontos e contrapontos**. In. Sérgio Antonio da Silva Leite; Silvia Gasparin Colello; Valéria Amorin Arantes (org.) São Paulo: Summus, 2010.

MOLLICA, M. C. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007.

MORAIS, A. G. de. Concepções e metodologias de alfabetização: Por que é preciso ir além da discussão sobre velhos métodos? XIII ENDIPE, **Simpósio: Os discursos e as narrativas nos processos educativos**, abril, 2006.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2002.

XAVIER, A. C. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Recife: Editora Respel, 2010.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.